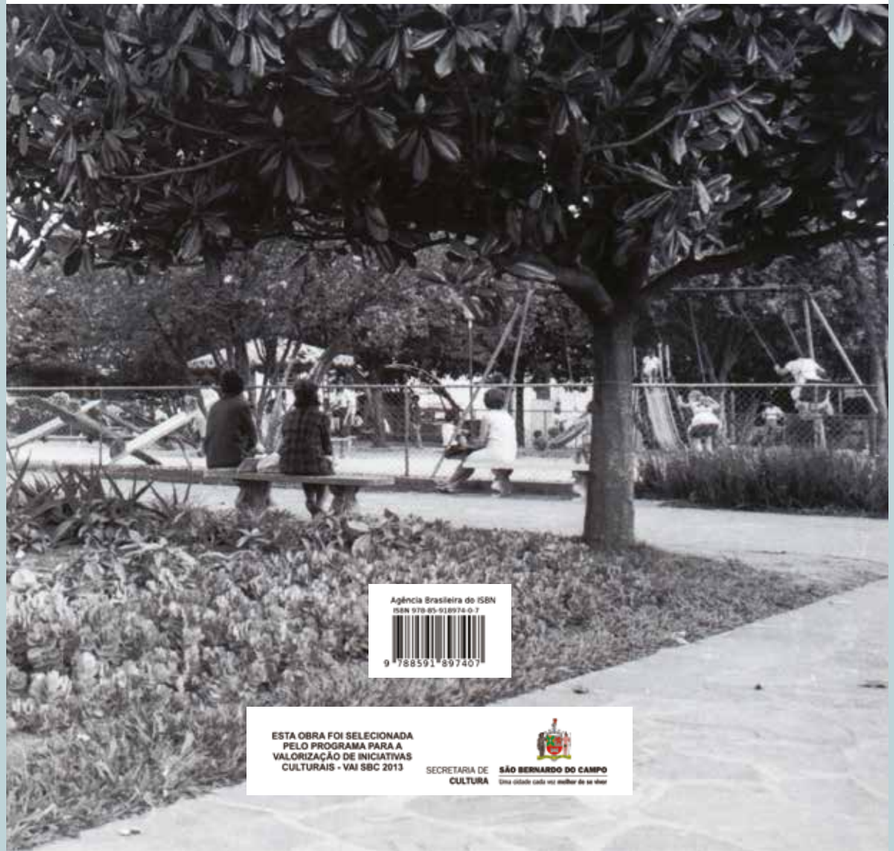
MANUEL FILHO – Nasci em São Bernardo do Campo, no dia 6 de março de 1968. Sou cantor, ator e escritor. Já publiquei mais de quarenta livros e ganhei o prêmio Jabuti em 2008. Tudo começou aqui, em minha cidade. Morei por vários anos na Rua Marechal Deodoro e estudei na EEPG Maria Iracema Munhoz. Aprendi a gostar de livros, música e teatro na Biblioteca Monteiro Lobato, onde era detentor da carteira número 1 dos setores infantil e coleções especiais. Sonhava em me apresentar no palco do teatro Cacilda Becker e consegui isso algumas vezes. Fiz um show na Câmara de Cultura Antonino Assumpção. Quando criança, apareci no filme exibido durante a inauguração da Biblioteca Manuel Bandeira. Participei das feiras literárias e já fui premiado em concursos literários na cidade. Representei São Bernardo no Mapa Cultural Paulista na categoria música e compus uma canção contando nossa história. Sou da primeira turma da escola de cinema. Adoro a Cidade da Criança. Ministrei oficinas literárias e organizei outro livro para a Secretaria de Cultura. Minha primeira publicação na vida foi no jornal *O Minarete*, que circulou pelas bibliotecas da cidade nos anos 1970, e que ajudei a fundar. Claramente, sou batateiro. Contar as *Histórias dos bancos da praça* foi a realização de um sonho. Espero que eles resistam como elementos fundamentais da história de nossa querida "Villa". Visite o meu site www.manuelfilho.com.br

Foto: Fernando Narasaki

Esta é a história de várias histórias. Uma delas é a do escritor que dialoga e busca as raízes profundas e escondidas da história de sua cidade, São Bernardo do Campo, e de um lugar bastante significativo para a região, a Praça Lauro Gomes.

Os principais personagens das outras histórias? "Os bancos da praça", claro! E eles aparecem registrados em belas fotografias, nas paisagens da praça, e com um apurado projeto gráfico.

Histórias dos bancos da praça é um convite à percepção de que a poesia pode estar ao nosso redor, mas nem sempre a percebemos.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-918974-0-7
9 788591 897407

ESTA OBRA FOI SELECIONADA PELO PROGRAMA PARA A VALORIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS - VAI SBC 2013

SECRETARIA DE CULTURA

SÃO BERNARDO DO CAMPO
Uma cidade cada vez melhor de se viver

Manuel Filho | Histórias dos bancos da praça

Manuel Filho

Histórias dos bancos da praça

Imagem da capa:
Antônio Quelhas e Alexandre Quelhas na Praça Lauro Gomes em 1959. Acervo Antônio Quelhas - Reprodução da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Imagem da contracapa:
Praça Lauro Gomes em 1966. Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Imagem abaixo:
Marco Geográfico em frente à Praça Lauro Gomes. Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Marco Geográfico
Importante referência para os viajantes do passado. Nele, podemos ler a altitude da cidade naquele ponto, 764,3 metros, e a distância até São Paulo, 20 km. Está localizado diante de Praça Lauro Gomes.

Manuel Filho

Histórias dos bancos da praça

1ª. Edição

São Paulo, 2015
Manuel Messias da Silva Filho

Sumário

A memória no cotidiano 5

Parte I - História

Era uma vez... 7
Memória afetiva 9
Antes da praça 11
Nasce a Praça Lauro Gomes 13
Bancos da praça 18
Indústrias de móveis 23
Comércio 29
Serviços 35
Indústria 38
Pessoa física 39
Outros bancos 40
Mapa dos bancos na praça 44
Criação deste projeto 46

Parte II - Histórias

Carla Rubio | Banco Camila Flores 49
Inês Vergueiro | A Modelar Alfaiataria e Artigos para Cavalheiros 50
Jayme Benarrós | Será que o ex-prefeito Lauro Gomes de São Bernardo do Campo sentou-se alguma vez em algum banco da praça que tem seu nome? 51
Luiza Benarrós | O Rei 52
Marcelo Catelan | Emilio Baccarat 52
Maria Esther Sammarone | Elvis, eu e o Xaveco 54
Maria Esther Sammarone | Praçaterapia 55
Noely Rubio | Lara 56
Ricardo Barros | Convite para um café 58
Roberto João Julião Júnior | Os bancos da Praça Lauro Gomes 59
Rogério Campos | O beijo 60
Stella Maris Veloso Alves | Amor, eterno amor! 61
Vitor Ribeiro Gallo | Praça Lauro Gomes 61

Bibliografia 63
Agradecimentos 63

Para minha mãe, Andrelina, que sempre
me levou para brincar no cavalinho.

Fonte Princesa Isabel, a redentora, 2008
Foto: Manuel Filho

Página ao lado: Praça Lauro Gomes, novembro de 1971

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

A memória no cotidiano

Local de passagem entre o Planalto e o Mar, São Bernardo do Campo tem sua origem e destino fundamentalmente condicionados por essa situação geográfica, isto é, a posição estratégica junto ao Caminho do Mar.

De um pouso de tropas de encontros ocasionais, uma pequena capela junto ao caminho, apenas um ponto de passagem, São Bernardo vai se tornando um lugar de permanência, de encontros definitivos motivados pelo trabalho que aqui encontrou solo fértil para sua realização.

A partir da Via Anchieta, São Bernardo do Campo passou por transformações e transfigurações contínuas, assumindo feições de grande metrópole.

Hoje, ao percorrermos nossa cidade, no ir e vir cotidiano, nem sempre nos damos conta das mutações que se operam na paisagem. Às vezes, nossa atenção é despertada, subitamente, por um prédio novo, construído onde antes havia algo que nem mesmo nos lembramos direito.

É um prédio novo aqui, uma casa antiga derrubada ali dando lugar a um estacionamento, e o que resta são fragmentos da velha construção junto aos muros e divisas, enfim, a paisagem vai se transformando sem que percebamos de imediato, tal nosso alheamento do entorno, motivado pelas preocupações, compromissos, medos e horários que dominam nosso dia a dia. Nosso olhar vai ficando opaco, indiferente às mudanças que ocorrem no local onde vivemos.

Aquilo que resta, dos poucos testemunhos de outros tempos, quando despertamos nosso olhar e nossa atenção, tem a potencialidade de nos falar de tempos passados, de nossa memória, do vivido e do ouvido de outrora.

Na paisagem urbana, ainda que substancialmente modificada, temos a possibilidade de encontrar no traçado das ruas, em uma construção ou parte dela, em um telhado, em uma praça ou em placas de sinalização, elementos que significam, que nos remetem a outros tempos, outros jeitos de fazer e viver, que, por sua vez, dão conteúdo à vida e nos ajudam, não só a compreender o presente, como agir de forma mais consciente na construção do futuro.

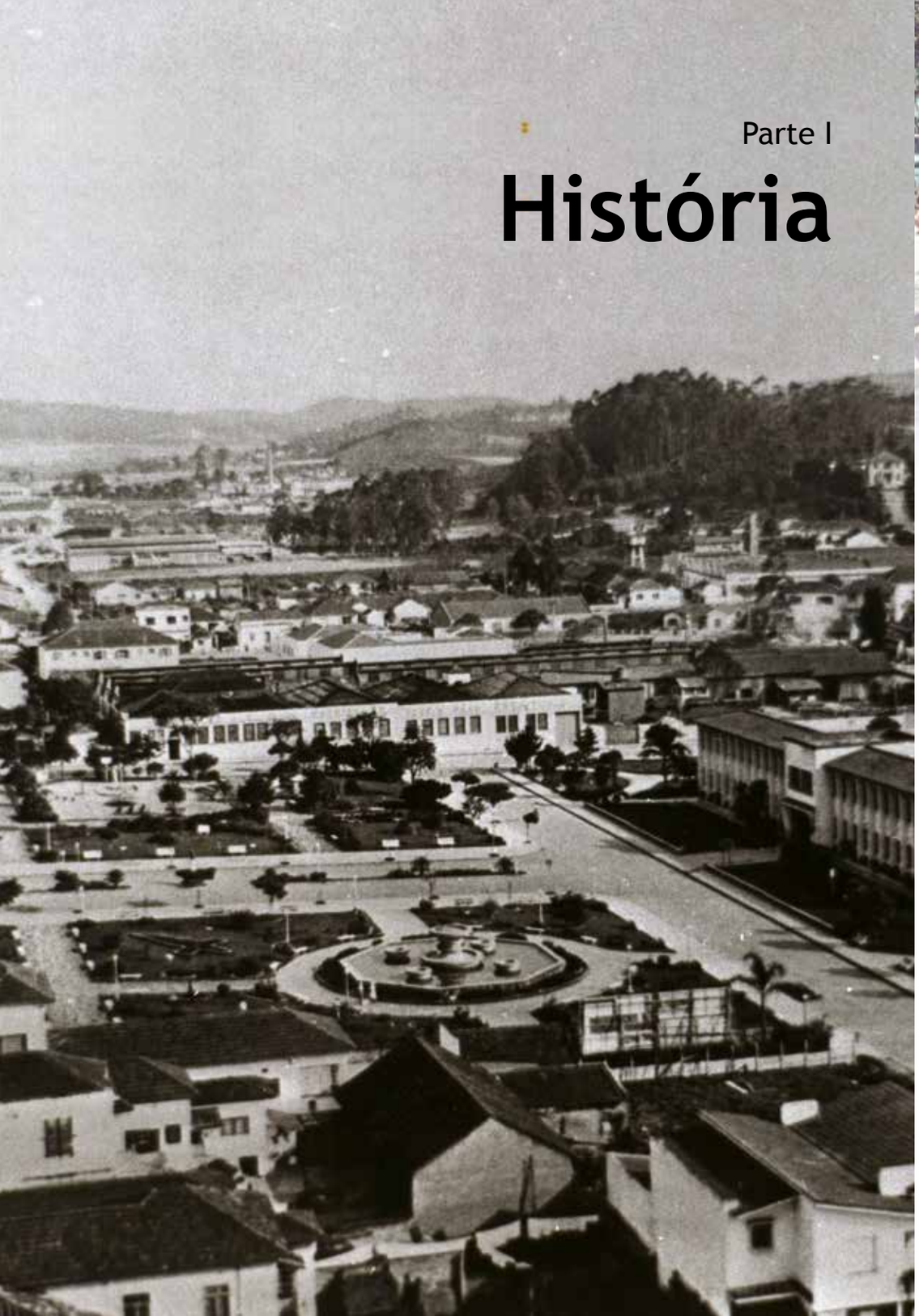
Assim, alguns bancos velhos, de uma praça tão ocupada e, por vezes, inspiradora de receios, local não mais de se ficar, mas apenas de passagem apressada, estão ali, como testemunhos de outros momentos dessa mesma praça, com outros usos e com variadas significações no cotidiano citadino, ali a esperar nosso olhar mais atento, a despertar perguntas e lembranças, a nos ajudar na construção de nossa memória individual e coletiva.

Jorge Magyar

Sociólogo, Chefe da Seção de Pesquisa e Documentação da Prefeitura de São Bernardo do Campo

Parte I

História



Era uma vez...

Toda cidade tem, pelo menos, uma praça. Nelas, as pessoas interagem, surgem amizades, namoros, encontros variados, além de muitas histórias.

Mesmo sem perceber, os habitantes de um município desenvolvem alguma afetividade pelas praças locais. No imaginário coletivo, trata-se de um lugar para descansar, olhar os pombos, observar flores, tomar um sorvete, brincar e até, eventualmente, comprar uma pipoca. Na configuração urbana dos velhos tempos, existiam até um coreto e o lambe-lambe.

Os idosos, principalmente, recordam-se do antigo *footing*, quando os jovens simplesmente desfilavam de um lado ao outro para ver e serem vistos. Quantos casamentos não resultaram desses encontros?

A mera existência delas também demonstra um importante indicador de respeito a qualquer localidade. Os bairros que são desprezados pelo poder público e, diversas vezes, pelos próprios moradores, carecem de áreas verdes e perdem muito em qualidade de vida. Adultos, crianças e animais ficam sem ter um local seguro, adequado à diversão e livres de automóveis, pelo menos.

Com o desenvolvimento social e urbano, no entanto, a praça deixou de ter importância no cotidiano dos transeuntes. Nas grandes cidades pensa-se muito em *shopping center*, ironicamente cheios de "praças de alimentação", ou grandes parques, como o Parque do Ibirapuera,

Página ao lado: Praça Lauro Gomes, 1950

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Acima: Praça Lauro Gomes, parquinho, 1980

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

em São Paulo. Nas cidades pequenas, ainda se encontram praças antigas, mas a maioria apresenta algum nível de descuido: lixo acumulado, falta de manutenção e ausência de brinquedos.

A fama também não garante permanência. Cito aqui a tradicional Praça XI, um dos berços do samba carioca, violentamente destruída para a construção da Avenida Presidente Vargas nos anos 1940. Pela sua relevância, ela acabou imortalizada no samba *Praça XI*, de Herivelto Martins e Grande Otelo. Seu desaparecimento resultou, pelo menos, numa canção imortal.

O cancioneiro nacional apresenta diversas canções sobre o assunto, porém, *A praça*, de Carlos Imperial, gravada por Ronnie Von, certamente é uma das mais emblemáticas.

Este livro tem a intenção de valorizar uma praça que apresenta várias das características citadas ao longo desta introdução. Ela esteve no círculo vicioso de glória, decadência e recuperação por algumas vezes. Talvez esteja, neste momento, em sua pior fase, infelizmente. Isso possivelmente ocorra porque nos ocupamos apenas em glorificar obras imponentes, admirar museus, estátuas, monumentos...

Contarei a história de uma praça que conheci de maneira muito carinhosa, parte fundamental de minha vida e de milhares de moradores de São Bernardo do Campo (SP): a Praça Lauro Gomes, no centro da cidade.

Embora depredada, privada das possibilidades para um uso agradável de seu amplo espaço, ela preserva, milagrosamente, aspectos de grande valor que contam uma importante parte da formação deste município, um dos maiores e mais ricos do Brasil.

E, esses registros, estão em lugares pouco notados, mas comuns em qualquer praça. Estou falando dos bancos e das propagandas gravadas neles, preservadas há mais de sessenta anos. Foram doados à comunidade por empresas orgulhosas por esse ato e também satisfeitas por

Abaixo: Praça Lauro Gomes, parquinho, dezembro de 1966

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

terem seus estabelecimentos conhecidos pelo público que afluía em massa ao local nos anos 1950-60. Os anúncios guardam diversas surpresas e são testemunhas de atividades comerciais já desaparecidas.

Com a ajuda de muitas pessoas, entrevistas e lembranças irei contar aqui as *Histórias dos bancos da praça*.

Memória afetiva

– Mãe, me leva pra brincar no cavalinho?

Essa é minha memória mais antiga da praça: os cavalinhos. Eram uns quatro ou cinco, de cores variadas, um do lado do outro, que cumpriam a função de balanços. A criança montava e aguardava por um empurrão generoso.

Eu adorava e o guardo com carinho na memória. Também havia o trepa-trepa, uma meia esfera de ferro para escalar, toda vazada. Eu tinha muito medo de subir e cair, nunca me aventurei. Existiam ainda os balanços, as gangorras, o escorregador. Só me lembro desses. Em tempos remotos, podia-se encontrar um carrossel. Recebi alguns vívidos depoimentos nos quais as pessoas descreveram uma diversão bastante estranha. Seria uma estrutura circular afunilada até o topo. Nela, havia vários nichos nos quais as crianças se acomodavam em pé. Em seguida, alguém impulsionava o equipamento e a diversão era esperar que ele parasse de girar. Eu me recordo vagamente, não devo ter me divertido muito nele. Alguns dos brinquedos citados ainda permanecem: balanço, gangorra e trepa-trepa.

Então, para mim, desde muito cedo, era agradável ir à praça, um lugar seguro e divertido, da qual eu nem sequer conhecia o nome. Eu vivia a cerca de dez minutos de caminhada dela e ambos ocupávamos a mesma rua como endereço. Isso aconteceu em razão de uma questão escolar. Naquela época, pelos anos de 1974-75, as crianças só podiam estudar em uma escola próxima de suas residências. Meu bairro anterior era o de Ferrazópolis. Meus irmãos, Carlos e Eliana, estudaram no colégio daquela região, entretanto, minha mãe considerou que o ensino não era satisfatório. Assim, a fim de que tivéssemos acesso à melhor educação, meus pais fizeram um grande esforço e nos mudamos à Rua Marechal Deodoro, 2329, no centro.

Ir ao parquinho, então, passou a ser uma de minhas maiores diversões. Fui matriculado na então EEPG Maria Iracema Munhoz, estabelecida nos fundos da praça. A construção dessa escola provocou sérios desentendimentos, que serão detalhados mais à frente.

Acima: Praça Lauro Gomes, parquinho, 1981

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Os limites da praça são os seguintes: a frente principal localiza-se à Rua Marechal Deodoro. Ao seu lado, à Rua Tenente Sales, que se conecta à Avenida Faria Lima. Do lado oposto, apenas uma calçada e prédios comerciais. Ao fundo, a Rua Marechal Rondon e, em seguida, a Escola Maria Iracema Munhoz, que finda na avenida aqui mencionada.

Antigamente, a escola era ladeada por duas praças, atualmente alijadas da população. Olhando-a de frente, observamos que a do lado esquerdo foi murada e incorporada pela instituição de ensino. A do lado direito encontra-se totalmente ocupada por comerciantes. As árvores permanecem, mas sufocadas por tapumes e cercadas por quinquilharias, como brinquedos, utensílios de plástico e toda espécie de aparelhos eletrônicos.

Na parte incorporada pela escola há um marco interessante: o monumento à Trova, composição poética, inaugurado nos anos 1970. Tive a sorte de presenciar sua inauguração.

Em lugar de honra na praça está a "Fonte Princesa Isabel, a redentora", que era, de fato, muito bonita. Quando inaugurada, as pessoas vinham de longe para apreciar seus jatos coloridos. Em minha infância, já não havia cores, mas a observava contente quando os jatos eram ligados.

Como cursei o primário (hoje ensino fundamental I) e o ginásio (ensino fundamental II) de 1975 a 1982, a praça foi parte muito importante de minha vida. Eu me acostumei a ver os bancos e a conviver com eles. Enquanto fiz a pesquisa para escrever este livro, descobri que muitos moradores compartilham comigo uma memória afetiva da praça e de seu entorno. Por meio de seus relatos, o local deixou de ser um lugar feito de concreto, pedras e areia e foi se mostrando vivo. Nomes que pareciam meramente registros comerciais aos poucos se revelaram e, tais como bustos e outras estátuas, contaram diversas histórias.

Abaixo: Casarão do Bonilha, localizava-se onde hoje está a Praça Lauro Gomes, com frente para a Rua Marechal Deodoro, 1890

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Antes da praça

Uma cidade, em suas origens, pode ser vista como bucólica, simpática e até ingênua. Temos a tendência de imaginar: "Naquele tempo, sim, era bom de se viver".

Surge essa impressão quando se veem as fotos antigas de São Bernardo do Campo com seus rios, matas e, certamente, ar puro. A cidade era chamada simplesmente de Vila, inclusive. Talvez as pessoas vivessem com dificuldades diversas no dia a dia, mas, mesmo assim, pressupomos uma qualidade de vida superior e menos estresse.

Durante a primeira parte deste meu trabalho, analisei dezenas de fotos e me permiti ser envolvido por elas. Examinei o rosto das pessoas, os carros, as roupas, as propagandas, o traçado das ruas e construções, tudo desaparecido. Sempre acho curioso observar as pessoas que andaram pelos lugares que hoje frequento, por exemplo. O tempo leva, praticamente, a totalidade das coisas. Nem mesmo as árvores e os monumentos sobrevivem.

Acima: Palestra FC em um campeonato amador de São Bernardo do Campo. Ao centro, prefeita Tereza Delta, ladeada pelo capitão do time, Peixe, e capitão do Juventude, Hélio Marson. O campo localizava-se onde hoje está a Praça Lauro Gomes. Original do livro *Cadernos Históricos 4 - Palestra de São Bernardo*, Década de 1940

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Meu olhar, porém, não era de saudade ou melancolia. Não há aqui um lamento sobre "tempos idos", mas um interesse em se compreender o passado para, eventualmente, melhorar o presente que será entregue ao futuro.

Dito isso, tentarei voltar bastante no tempo. O local onde está a praça, no centro, sempre teve vocação ao destaque. Em fins do século 19 havia ali a sede da prefeitura e câmara municipal, ambas no Casarão do Bonilha, típica construção colonial, que viria a ser correio, cadeia e, principalmente, sede do primeiro Grupo Escolar da cidade, simultaneamente. O alferes Bonilha, primeiro proprietário do casarão, cultivava chá e teria recebido em sua casa o imperador D. Pedro II. É preciso lembrar que a atual Rua Marechal Deodoro era a principal ligação entre São Paulo e o litoral, o Caminho do Mar, sendo assim passagem de todos os viajantes, inclusive dos ilustres. Atrás do casarão havia um longo pasto e, ao fim deste, o Ribeirão dos Couros, canalizado no futuro para a construção da Avenida Faria Lima, atualmente, uma das mais importantes da cidade.

O pasto acabou tendo um destino, digamos, esportivo. Em meados dos anos 1930, ele foi cedido para a construção do campo do Palestra. Esse time de futebol atuou com vigor, atraindo público e melhorando ano a ano suas instalações. Elevou, inclusive, vestiários e arquibancada.

Acima: Campo do Palestra FC, localizava-se onde hoje está a Praça Lauro Gomes. Torcida junto à cerca de madeira. Original do livro *Cadernos Históricos 4 - Palestra de São Bernardo*, Década de 1940

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Tinha como madrinha uma ex-prefeita da cidade, Tereza Delta, que também se destacou como deputada estadual nos anos 1950, e fazia oposição ao então prefeito José Fornari. Já são lendárias as descrições de que ela andava de chicote em punho e não se intimidava em utilizá-lo a fim de atingir seus objetivos, doesse em quem doesse, literalmente.

Em uma disputa política, decidiu-se a remoção do Palestra do local de sua fundação. Uma emboscada preparada para atacar Tereza Delta acabou resultando no assassinato de Gumercindo Ferreira da Silva, então segurança da senhora. Foi derrubado um grande muro de taipa, que protegia o clube, e até 1952 todo o terreno estaria limpo novamente. Algum tempo depois, o Palestra iria ganhar sede própria no bairro de Ferrazópolis, onde está localizado até os dias de hoje.

O Casarão do Bonilha, certamente uma de nossas mais importantes construções, teve fim semelhante: total desaparecimento. Era um enorme sobrado de taipa, com largo assoalho e ambiente que provocava eco. Segundo relato do sr. Waldir Cartola, havia uma grande escada que levava ao segundo andar. Também obtive um relato informal de uma senhora no qual ela afirmou o receio de sua professora em lecionar no local, pois o prédio tremia.

Se tivesse sido preservado, hoje o casarão teria grande valor histórico como registro de diferentes fases de desenvolvimento da cidade. Porém,

à época de sua destruição, a imprensa festejou o fato, conforme notícia publicada na *Folha do Povo*, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, de 13 de maio de 1952, transcrita abaixo:

> "... Em quatro meses, resolveu-se o caso do grupo escolar de São Bernardo. Foi possível, graças ao dinamismo do prefeito, arranca-lo do pardieiro imundo da rua Marechal Deodoro, instala-lo provisoriamente num ambiente limpo e higienico, e assim permitir a derrubada do velho prédio e a construção de uma escola modelar. Apenas 120 dias foram necessários para isso, o que evidencia o ritmo da administração."

Os alunos do antigo Grupo Escolar foram deslocados para o salão paroquial enquanto aguardavam a construção do novo "grupo" Maria Iracema Munhoz, que viria a ser um dos mais tradicionais da cidade.

Nasce a Praça Lauro Gomes

Inaugurada em 20 de agosto de 1954, contou com a presença do próprio Lauro Gomes, que recebeu, como homenagem, a designação de seu nome para a nova praça.

Muitos festejos aconteceram naquele dia: missa, procissão, atividades esportivas, 21 tiros de morteiro e vários discursos. Ocorreu até mesmo a projeção de um filme sobre o IV Centenário comemorado no ano anterior.

É curioso que o prefeito tenha recebido essa homenagem em vida, conforme estabelecido pela Lei nº. 305, de 30 de julho de 1954. Ele teria, de início, recusado a honra, mas foi feito um abaixo-assinado impondo o fato definitivamente. A matéria, que foi publicada no jornal *A Hora*, de 23 de agosto de 1954, lhe é amplamente favorável:

> "Às 19:30 horas as solenidades atingiram seu ponto máximo, com a inauguração da praça Lauro Gomes, nome dado em homenagem ao atual prefeito de São Bernardo, elemento querido por toda a população e prestigiado por todas as agremiações políticas."

Abaixo: Vista parcial da Praça Lauro Gomes, 2 de janeiro de 1969

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Início das obras para a construção da Praça Lauro Gomes. Derrubada das instalações do Palestra FC. Prefeito Lauro Gomes, primeiro à esquerda, ao lado de funcionários municipais, 1953

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Também conhecido como "o prefeito das crianças", o primeiro cargo político conquistado foi justamente o de prefeito da cidade de São Bernardo do Campo. Esse título advém por Lauro Gomes ter inaugurado diversas escolas com a introdução de merenda escolar. Certamente se tornou um dos políticos mais influentes de todos os tempos na região e também veio a ter seu nome em avenida, praças, escolas. Era casado com Lavínia Rudge Ramos, a dona Nenê. Relatos em jornais o retratam como um homem que comandou a cidade com mão de ferro, não admitindo ser contrariado. Tomou posse em seu primeiro mandato de prefeito em 1º de janeiro de 1952, ficando no cargo até agosto de 1955. Em seguida, foi deputado federal, tendo retornado à prefeitura de São Bernardo do Campo em janeiro de 1960. Permaneceu nesse cargo até 1963. Durante seu mandato, ofereceu subsídios que atraíram várias das montadoras de veículos atuantes na cidade até os dias de hoje. A fim de qualificar a mão de obra necessária a essa nova indústria automobilística, atuou para a instalação da ETI (Escola Técnica Industrial). Também fez obras para ligar a Rua Marechal Deodoro à Via Anchieta. Exerceu a função de deputado estadual e chegou a ser eleito prefeito da cidade vizinha de Santo André. Faleceu em 20 de maio de 1964.

Lauro Gomes foi fundamental para a construção do Grupo Maria Iracema Munhoz, inaugurado em 1953, inacabado, e nomeado em homenagem a uma professora que lecionou no Grupo Escolar entre 1917-18. Quando a nova escola nasceu, o campo do Palestra já havia desaparecido completamente e toda a área estava modificada. O passado era, aos poucos, soterrado e quase mais ninguém se lembrava do antigo "bondinho das professoras", que ligava São Bernardo à estação de trem em Santo André e tinha como ponto-final a própria praça.

O local ainda iria ganhar monumentos, como, em 1956, o busto em homenagem ao prefeito Wallace Simonsen, responsável pela emancipação da cidade. Nela também está localizado um marco geográfico com a seguinte indicação: "S. Bernardo Alt. 764,3".

Porém, a maior construção é a da "Fonte Princesa Isabel, a redentora", inaugurada em março de 1957, pelo prefeito Aldino Pinotti. Ele não admitia que se esquecesse de dizer "a redentora", cujo significado era desconhecido por parte da população. Foi uma das grandes atrações da praça, e pessoas vinham de longe só para vê-la produzir seus 144 tons de cores em uma dança de 36 jogos de água. Os namoricos, o *footing*, eram intensos entre as moças das tecelagens e os operários das marcenarias. Também ocorreram na praça shows e comícios. Alguns foram tão importantes que contaram com a presença do cantor Roberto Carlos.

Desde sua inauguração, a Praça Lauro Gomes já estava destinada a presenciar momentos importantes, da história do Brasil, inclusive. Durante os movimentos dos trabalhadores na década de 1980, por entre suas árvores, explodiram bombas de gás lacrimogêneo, sucederam confrontos, passeatas e encontros de todos os tipos: religiosos, políticos e, principalmente, amorosos.

A praça tem sofrido diversas intervenções, algumas delas realmente desastrosas. Em dezembro de 1993 ela começou a ser cercada com grades de dois metros de altura, ainda existentes. A intenção era preservá-la e afastar os vendedores ambulantes, porém, nada disso se concretizou. Cercada, ela se tornou um lugar pouco convidativo, até intimidador. Nos dias atuais, a fonte se encontra bastante depredada, ostentando lacunas nos azulejos, que compunham motivos marinhos, acúmulo de lixo e, claro, sem qualquer possibilidade de funcionamento. Os bancos também se deterioraram e vários foram arrancados de suas bases. Os ambulantes permanecem e nem sequer retiram seus pertences, toldos e estruturas após o "fim do expediente".

Penso que não erro ao afirmar sobre a necessidade de reparos imediatos. Ela está em localização nobre e poderia oferecer atividades lúdicas aos transeuntes, além de espaço para descanso, ou seja, mereceria passar por uma profunda revitalização.

Conforme documento obtido na Seção de Patrimônio da cidade, cujo teor reproduzo abaixo, em 18 de setembro de 2013 ocorreu uma reunião do COMPAHC-SBC, cuja finalidade é assessorar a Administração Municipal nos assuntos relacionados à defesa, preservação e valorização do patrimônio cultural da cidade, na qual foi estabelecido o tombamento da praça e de todo seu conjunto.

Resta-nos aguardar atitudes positivas do poder público a fim de que a Lauro Gomes seja devolvida à população em condições adequadas à diversão, ao lazer e à preservação de sua memória.

> "Após leitura Cléa colocou em votação e informou que os bancos já haviam sido tombados. Marcos pediu que se incluísse o traçado da praça e o marco geográfico. Os conselheiros votaram pelo tombamento da praça – fonte, árvores, marco geográfico, limites, bancos, traçado."

Acima: Inauguração do busto de bronze do prefeito Wallace Simonsen. Abaixo, canto esquerdo, de óculos escuros, a eterna secretária da cidade, Rita Zincaglia. Diante dela, de terno claro e de óculos, o antigo prefeito Sérgio Ballotin, 1956

Foto: Beltran Asêncio. Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

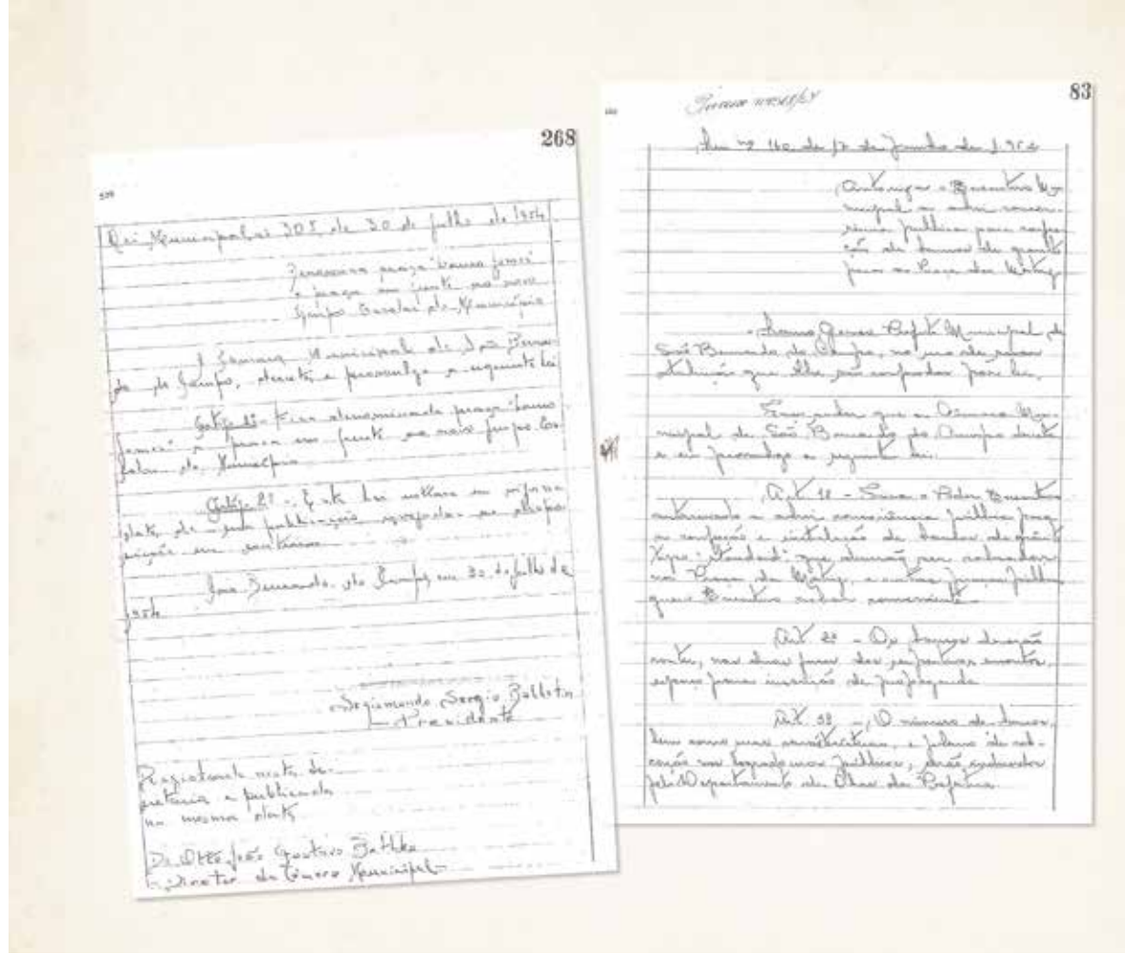
Bancos da praça

> "A Praça Lauro Gomes marcou minha vida, desde a infância. Estudei no Grupo Escolar Maria Iracema Munhoz. Ali tirei o diploma do antigo curso primário. Assisti, na praça, a comícios, shows, paradas cívicas. Tinha 6 anos quando foi inaugurada a fonte luminosa Princesa Isabel e assisti aos primeiros espetáculos, levado pelos meus pais e tias, lembro bem. Vi num dos bancos da praça a minha primeira professora namorando. Escrevi uma reportagem, no início da carreira, dizendo que, no passado, quem reunisse, em comício, na praça, o maior número de pessoas, ganhava as eleições. No parquinho, roubaram meu guarda-chuva – deixei no chão, na escadinha do escorregador, juntamente com minha mala de estudante, e deslizei. No retorno, cadê meu guarda-chuva? A mala não levaram. Ali perto, cortando caminho pelo gramado, fui repreendido por um senhor: "Não pise na grama". Na frente, havia a Fábrica de Móveis Miele, "para escritórios", onde meu pai trabalhou. E havia os bancos..."
>
> (Trecho de e-mail trocado com o historiador Ademir Medici.)

As memórias propiciadas pelos bancos são bastante diferentes. Vistos hoje, cobertos por mercadorias, panos e pedaços de plástico, tornando a visão de alguns deles quase impossível, talvez não demonstrem importância. No breve e vívido relato da abertura deste capítulo compreendemos como era rico o contexto da praça. Trata-se de comentário de um historiador que, intuitivamente, nos apresenta vários personagens: os políticos, as professoras, o comércio, o zelo pelo gramado, o senhor, os artistas, os parentes e até o ladrão.

Durante entrevista com o sr. Osmar Margonari, de família que doou um dos bancos, eu lhe mostrei as fotos de todos os ainda existentes e, rapidamente, ele os identificava sempre pelo nome da família, raramente pelo ramo comercial indicado. Nesse momento percebi a ligação afetiva existente entre os bancos e os moradores. Havia poucos habitantes na cidade, a maioria de italianos, e era comum que todos se conhecessem. Assim, naturalmente, o sr. Osmar anunciava: "Ah, os Guazzelli, os Di Favari". Foi curioso quando ele viu a foto do anúncio de "A Modelar Alfaiataria e Artigos Finos para Cavalheiros Luiz Macedo", e se referiu a ele como "O banco do seu Macedo".

Acabei compreendendo que eles não são apenas um registro do comércio da cidade. Há várias histórias de vida, todas ali, com seus personagens, conflitos, alegrias e tristezas. Detendo-nos apenas na loja do "seu Macedo" poderíamos construir um panorama revelando o tipo de



roupa vendida, características dos "cavalheiros", do tecido, o tipo de emprego gerado, enfim, percebe-se que, a partir de um simples banco, é possível formular outras perguntas que pediriam novas respostas. Cada um deles, individualmente, poderia gerar um livro.

Entretanto, a despeito de todas essas memórias e registros históricos, os bancos quase desapareceram em meados dos anos 1980. Ademir Medici, o já citado jornalista e historiador, publicou no *Diário do Grande ABC* de 11 de março de 2007 a história na qual ele conta o meio pelo qual impediu a remoção dos bancos. Como jovem repórter, ele havia sido enviado pelo jornal para fazer uma cobertura de mais uma das reformas sofridas pela praça. O secretário de Serviços Urbanos da época, João Américo de Andrade Martins, contava, empolgado, como iria remover aqueles bancos velhos e quebrados trocando-os por outros novinhos. Ademir não resistiu e argumentou que aquilo não deveria ser feito, pois em Ribeirão Preto (SP) fizeram um movimento

Acima: Lei nº 160, de 17 de junho de 1952, que autoriza o executivo municipal a abrir concorrência pública para confecção de bancos de granito para a Praça da Matriz e Lei Municipal nº 305, de 30 de julho de 1954, que denomina praça "Lauro Gomes" a praça em frente ao novo Grupo Escolar do município

Fotos: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Acima: Barracas de ambulantes na Praça Lauro Gomes, 2015

Foto: Manuel Filho

a fim de proteger patrimônio semelhante, posteriormente restaurado e, desde então, integrante da história da cidade. Convencido, o secretário retirou os bancos, reformou-os, envernizou-os e os devolveu aos respectivos lugares. Isso ocorreu em 1984. A foto impressa na página 13 revela que o banco CALÇADOS ELI já esteve em posição diferente da atual.

Em 1988, Ademir Medici fez um levantamento detalhado a respeito dos bancos da praça, que se tornou uma referência importante para este livro. Até então, eu ainda não havia localizado qualquer informação ou registro sobre eles. Em uma visita à seção de Patrimônio descobri esse estudo, que pretendia justificar o pedido de tombamento dos bancos. Há a descrição das propagandas existentes naquele momento. Além disso, também foram indicados os pontos exatos de todos eles.

Assim, eu o utilizei para verificar as semelhanças e diferenças passados quase trinta anos daquele primeiro levantamento. A primeira impressão é a de que a maioria dos bancos permaneceu. Muitos, infelizmente, desapareceram, entretanto, novos surgiram. É curioso reparar que, depois de sobreviverem à primeira tentativa de remoção, a prefeitura tenha permitido a inclusão de novas propagandas nos anos 1990. Teriam estas substituído alguma antiga, preexistente? Presume-se que,

àquela época, não se considerava o conjunto como patrimônio histórico a ser preservado. De qualquer forma, esse fato se provou bastante relevante, pois, assim, tornou-se possível identificar as diferentes fases em que os bancos foram implantados na praça, como segue:

● **Primeiro tipo** – O registro mais antigo de um banco com propaganda foi verificado em uma foto doada por Divanir Bellinghausen para o setor de Memória da cidade. A foto é datada de junho de 1954. Como a praça seria inaugurada somente dois meses depois, é correto afirmar que eles foram implantados alguns meses antes, possivelmente em ano anterior, inclusive. Esses primeiros obedeciam a um padrão bastante definido: um retângulo com pontas de triângulo em ambos os lados. O fundo preto era completamente margeado por uma linha cinza. Sobre ele era gravado o anúncio, como se fossem pedras incrustadas, o nome do doador/patrocinador em letras brancas. O material é de excelente qualidade, pois ainda hoje a maioria dos dados foram preservados e estão legíveis. Discreto e de bom gosto, sem concorrer com a então beleza arquitetônica da praça. Essa padronização diverge brutalmente do apelo publicitário atual que busca a diferença, o destaque, produzindo, assim, grande poluição visual e confusão de cores e marcas. Ao andar pela praça, a pessoa poderia verificar as frases de cada um dos bancos, uma vez que, pela falta de diferença, a curiosidade seria exatamente estimulada. Com esse formato ainda existem 11 bancos, são eles: A Modelar Alfaiataria e Artigos Finos para Cavalheiros Luiz Macedo; Casa Najla Najla Cheide Tecidos e Armarinhos Calçados Brinquedos; Emilio Baccarat; Fábrica de Móveis Irmãos Di Favari & Cia Ltda.; Fábrica de Móveis Sabro Ltda. Sabatine e Roquetti; Fábrica de Móveis São Bento Ltda.; Fábrica de Móveis São Francisco Irmãos Ongaro e Cia Ltda.; Fábrica de Saltos de Madeira São Bernardo D. J. Ballotim & Cia Ltda.; Indús-

Abaixo: Banco de granito do primeiro tipo, 2014

Foto: Fernando Narasaki

Acima: Banco de granito segundo tipo, 2014
Foto: Fernando Narasaki

tria de Móveis e Colchões Liberty; Padaria e Confeitaria St Terezinha Paulo Martim Bianco; Panificadora e Confeitaria Icarai.

● **Segundo tipo** – Também gravado sobre o encosto do banco, esse tipo adiciona cores, que permanecem padronizadas. O fundo padrão se assemelha a uma "fatia de pão de forma", com fundo branco e borda amarela. Para grafia dos nomes das empresas, endereços, telefones e atividades foram usados os mesmos tipos de fonte e três tipos de cores simultaneamente: azul, vermelho e verde. Em alguns poucos casos foi impresso ainda o logotipo do doador/patrocinador. Esse tipo de anúncio certamente começou a aparecer em meados dos anos 1960 e também foi gravado com excelente qualidade, pois a maioria se encontra perfeitamente legível. Nesse formato ainda existem dez bancos, são eles: Calçados Eli; Carraço Ofertas de Carrocerias; Eletro Rádio Roquetti Ltda.; Fábrica de Móveis Santa Lucia – Guazzelli & Cia Ltda.; Indústria de Móveis Irmãos Margonari Ltda.; Irmãos Bellinghausen & Cia Ltda.; Magazine Santa Rita de Cássia; Móveis ABC Ltda.; Móveis Marcel L. Cestari & Irmão; Oneda & Cia Ltda.

● **Terceiro tipo** – Novamente gravados no encosto do banco, podemos perceber um início de vulgarização nas propagandas, nas quais não se exige mais qualquer tipo de padronização. O doador/patrocinador teve a liberdade na escolha das cores e fontes. Além disso, há vários logotipos. Certamente surgiram nos anos 1990. A qualidade das

gravações é, no geral, bastante inferior às anteriores, algumas já desapareceram quase que completamente, entretanto, precisamos considerar que estão no mesmo local há cerca de trinta anos sem qualquer tipo de preservação. Com esse formato ainda existem dez bancos, são eles: Camila Flores Arranjos e Decorações; Escritório Técnico Contábil Messe Ltda.; Kenti Indústria Alimentícia Ltda. Ideias em Alimentação; Lara Areia e Pedra; Real Serviços Técnicos S/C Ltda.; Refeições Denadai Sabor Caseiro; Restaurante São Judas Tadeu; Retificadora São Jorge Ltda.; Santo André Montagens e Terraplenagem S. A.; Vega Sopave Serviços de Limpeza Pública.

Agora, uma vez relacionados os bancos existentes e estimado seu período histórico, cabe conhecer um pouco sobre cada uma das empresas. Para isso, optei por separá-las por "grupo de atividade". Em razão da grande quantidade de fábricas de móveis, elas merecerão um grupo próprio. Em seguida, virão as informações dos bancos patrocinados/doados pelo comércio, serviço, indústria e pessoa física, sequencialmente.

Ressalto que, no enunciado de cada banco, estará transcrito exatamente o que se pôde ler no momento da averiguação.

Indústrias de móveis

Antes de listar os bancos desse segmento, considero relevante situar brevemente esse importante ramo industrial e comercial. Durante muitos anos São Bernardo foi conhecida como a capital do móvel do Brasil, negócio que gerou diversos empregos e impulsionou seu desenvolvimento. Até hoje, pela Rua Jurubatuba, o comércio majoritário é o da indústria moveleira, com diversos proprietários de ascendência árabe.

Abaixo: Banco de granito do terceiro tipo, 2014
Foto: Fernando Narasaki

A origem mais remota se dá a partir das serrarias surgidas no século 19, dedicadas a extrair madeira e lenha da região. Produzia-se muito carvão vegetal na cidade. Em 1905, João Basso fundou a primeira fábrica, produtora de cadeiras. Em depoimento, sr. Cyro Cassetari informou que era comum a especialização das fábricas em algum tipo de móvel. A Fábrica de Móveis São Bento, por exemplo, dedicava-se aos conjuntos para quartos.

No auge, eram muitas as fábricas de móveis no centro e nos bairros, cerca de duzentas. O sr. Cyro Cassetari afirmou ser prática usual entre os funcionários, uma vez dominado o ofício, começar a produzir móveis em fundo de quintais, os quais, por sua vez, se transformariam em novas fábricas.

Algumas foram muito emblemáticas, como a Fábrica de Móveis São Bernardo, antigamente situada no local hoje ocupado pelas Lojas Americanas, na Rua Marechal Deodoro. Todos os anos a imagem do santo que a nomeava era levado à igreja matriz em procissão, no dia do aniversário da cidade, 20 de agosto. Ela também foi protagonista de um importante movimento grevista em 1934, que paralisou o setor moveleiro na cidade. Diante do impasse, os proprietários da Fábrica de Móveis São Bernardo e da Fábrica de Móveis São Luís, srs. Ítalo Setti e Luiz Cassetari, respectivamente, ofereceram aos grevistas a compra dos estabelecimentos. As propostas foram aceitas e acabaram sendo geridas por cooperativas criadas especialmente para isso.

Como lembrança afetiva, a munícipe Inês Vergueiro recorda-se de ser acostumada aos ruídos das serras cortando madeira nos galpões das indústrias; um som familiar e usual. Podemos imaginar também a quantidade de serragem suspensa no ar e acumulada nos assoalhos das fábricas.

Em depoimento prestado, o sr. Osmar Margonari transmitiu uma informação interessante. Essas fábricas não só patrocinaram bancos na praça como também os de madeira do interior da igreja matriz de São Bernardo do Campo. Até hoje é possível encontrar neles a plaquinha de identificação dos doadores.

A maioria das fábricas fechou ao longo do tempo em razão da concorrência de outros centros produtores, mudanças no mercado, falta de interesse dos herdeiros no prosseguimento dos negócios e dificuldades econômicas em geral. Os galpões foram alugados para outras empresas, inclusive congêneres, e posteriormente vendidos. Vários terminaram derrubados e ocupados por condomínios residenciais.

Assim, dada a importância da indústria moveleira, é possível supor que muitos tenham doado bancos, porém, poucos sobreviveram. O sr. Osmar Margonari concedeu importante entrevista na qual detalhou a rotina das indústrias daquela época. Seu pai e seus tios fundaram a Indústria de Móveis Irmãos Margonari Ltda., cujo banco permanece na praça até os dias de hoje.

---

1) PREFEITURA MUNICIPAL OFERTA DA FAB. DE MOVEIS IRMÃOS DI FAVARI & CIA. LTDA. RUA DOS VIANAS N. 36

Foto: Fernando Narasaki

Suas atividades tiveram início em 14 de junho de 1946. Fabricava móveis em madeira vime e junco (dados da Junta Comercial de São Paulo). O gerente geral se chamava Bernardo Di Favari. Conforme depoimento do sr. Henrique Pinchiari, a fábrica Di Favari costumava comprar madeira no Depósito de Madeiras Robba, de propriedade de Eduardo Robba, no qual ele trabalhou por algum tempo e que vendia chapas do material. Essa informação se tornou relevante, pois, até então, tinha-se a impressão de que toda a madeira era processada diretamente nas serrarias das fábricas, quando chegavam do Paraná, principalmente em toras. Em seu depoimento, a sra. Myrna Sparvoli Bonagamba lembrou-se de uma história interessante. Trabalhava nessa empresa a moça Olga Costenaro. Como sua beleza chamava bastante a atenção, ela acabou sendo convidada para trabalhar na Cia. Cinematográfica Vera Cruz, localizada nesta cidade e uma das mais importantes produtoras de cinema do país. Ela atuou em filmes importantes, como *Tico Tico no Fubá*, ao lado de Tônia Carrero e Anselmo Duarte. Adotou o nome artístico de Marisa Prado. Dona Myrna afirmou ainda ter sido amiga do irmão da atriz, que "morria de vergonha" da profissão da irmã. Seja como for, Marisa Prado prosperou e fez sucesso na Europa, inclusive.

---

2) PREFEITURA MUNICIPAL OF. DA FAB. DE MOVEIS SÃO FRANCISCO IRMÃOS ONGARO E CIA LTDA RUA SILVA JARDIM 66A

Foto: Fernando Narasaki

Pela inscrição, percebe-se que a fábrica pertencia à família Ongaro. Uma foto registrada no livro *200 anos depois*, p. 115, revela que a família era bastante numerosa. Havia mais de 50 pessoas presenciando o momento no qual o

casal Francisco Ongaro completava sessenta anos de casados. Estima-se que a fábrica de móveis ficava onde era a Vidraçaria Aceto, na mesma rua indicada na propaganda.

---

3) FÁBRICA DE MÓVEIS SANTA LUCIA – GUAZZELLI & CIA LTDA RUA GALVÃO BUENO, 11 – FONE – 43-1263 PONTO FINAL DOS ÔNIBUS

A família Guazzelli data do tempo em que havia extração de madeira na região. Na cidade existe o Centro Cultural Jacomo Guazzelli, no bairro Ferrazópolis, que homenageia um membro da família. Há também uma madeireira no bairro Demarchi, que registra semelhança com a antiga ocupação inicial, Madeireira Guazzelli.

Foto: Fernando Narasaki

---

4) PREFEITURA MUNICIPAL OFERTA DA FAB DE MÓVEIS S. BENTO LTDA CX POSTAL 44 R. MUNICIPAL 81 FONE 286
Rua Municipal, 531/567 – (Silva Jardim, 27 – em 1952)
Funcionários: 56 (Rel. Ind. 1981)
Data de fundação: 2/1/1951
Diretor: Laerte Francisco Pinchiari
Referências: Censos 52, 68. Rel. Ind. 72, 73, 76, 81, 84.
(Dados da Seção de Pesquisa e Documentação – Memória)

A Fábrica de Móveis Jacinto Bruni Irmãos foi fundada no início dos anos 1940. Em 1948, Laerte Francisco Pinchiari tornou-se sócio dela com Orlando Bruni, José Bruni e Antônio de Oliveira. Em 2 de janeiro de 1951, ele deixou a sociedade e comprou um terreno na Rua Municipal e fundou a Fábrica de Móveis São Bento. Com o desenvolvimento do negócio, acabou adquirindo as casas vizinhas e, após derrubá-las, atingiu o tamanho final de dez mil metros quadrados. A partir de 1959, especializaram-se em jogos de quarto com até oito peças: cama, guarda-roupa, penteadeira. Nunca possuíram loja própria e revendiam seus produtos para o interior de São Paulo e do Paraná. Conforme depoimento do sr. Henrique Pinchiari Neto, filho do fundador, o pai do político Paulo

Foto: Fernando Narasaki

Maluf, Salim Farah Maluf, financiou o início das atividades, o que lhes permitiu comprar madeiras e equipamentos. As operações foram encerradas em 1990, ainda com um quadro de 150 trabalhadores. No local da fábrica, pelos arredores da Avenida Prestes Maia, existe um estacionamento para automóveis, controlado pelo sr. Henrique, além de vários condomínios e lojas. Curioso observar que é a única fábrica que apresentava também uma caixa postal como endereço.

---

5) INDUSTRIA DE MOVEIS IRMÃOS MARGONARI LTDA. RUA MUNICIPAL 252 FONE 43-1416

Essa fábrica foi inaugurada em 2 de janeiro de 1940 pelos irmãos Arlindo, Quirino, José e Arnaldo Margonari. Ela ocupava 5.000 m² entre as ruas Municipal e Américo Brasiliense e teve cerca de cem funcionários. Nunca possuíram loja própria e as vendas eram feitas para a capital e o interior do estado. Em 1966 procuraram inovar fabricando móveis sob medida. A madeira para o trabalho vinha do Paraná em toras e eram transformadas em guarda-roupa, cama, mesa, cadeiras e cristaleiras, inclusive. Em seu depoimento, o sr. Osmar Margonari revelou conhecer a existência do banco doado por sua família. A fábrica foi fechada em 31 de agosto de 1970. O imóvel foi dividido e alugado para outra fábrica de móveis e, em seguida, para a Cooperativa da Chrysler ainda nos anos 1970. Em seguida, foi ocupada pela Algodoeira Lantieri e uma academia de ginástica, sucessivamente. Por fim, o terreno foi vendido para a construção de condomínios residenciais.

Foto: Fernando Narasaki

---

6) PREFEITURA MUNICIPAL OF. DA FAB. DE MOVEIS SABRO LTDA. SABATINE E ROQUETTI R. STA. FILOMENA N. 1

Aqui observamos uma situação diferente, uma sociedade. As famílias Sabatine e Roquetti se uniram para fundar essa fábrica no centro da cidade. Sabatine + Roquetti = Sabro. Embora possua um nome parecido, o sr. Pery Ronchetti,

Foto: Fernando Narasaki

que foi proprietário de muitas fábricas, não possui qualquer relação com essa empresa.

---

7) MÓVEIS EM GERAL ONEDA & CIA. LTDA RUA 15 DE NOVEMBRO FONE 43-1834 VILA ANITA
Rua Amparo, 288
Data de fundação: 68-72
Data de extinção: 72-73
(Dados da Seção de Pesquisa e Documentação – Memória)

A família Oneda foi uma das primeiras a chegar à região, constituindo o núcleo colonial da cidade. Compraram um lote e se dedicaram, inicialmente, à agricultura, à extração de lenha e à produção de carvão.

Foto: Fernando Narasaki

---

8) IRMÃOS BELLINGHAUSEN & CIA LTDA MOVEIS RUA DR. FLAQUER 64 – FONE 43-1624
Rua Dr. Fláquer, 64
Funcionários: 73 (cad. Ind. 1954), 110 (Rel. Ind. 1981)
Data de fundação: 1934
Data de extinção: após 1984
Referências: Cad. Ind. 45, 52; Rel. Ind. 72, 73, 76, 81
(Dados da Seção de Pesquisa e Documentação – Memória)

Fábrica que representa a presença de imigrantes alemães na cidade. A história que se conta é que, antes de fabricar móveis, a família produziu cerveja. Porém, como o negócio não prosperou, eles cavaram um grande buraco no terreno e enterraram nele todas as garrafas. Trata-se, no entanto, de mera lenda urbana. Os fundadores foram os irmãos Carlos Theodoro e Alberto Eduardo Bellinghausen. Este último era o marido da sra. Odette Tavares Bellinghausen, um dos nomes mais importantes da cultura da cidade. Foi professora de piano e residia em uma bela e arborizada casa à Rua João Pessoa, no centro, hoje, um estacionamento. Atuou decisivamente para que São

Foto: Manuel Filho

Bernardo tivesse sua primeira biblioteca e, enquanto esta não existia, sua própria casa ganhou a função. Posteriormente, nasceria a Biblioteca Monteiro Lobato. Não existiu ação cultural nesta cidade da qual ela não tivesse feito parte. Eu, ainda criança, a conheci na biblioteca que ela ajudou a criar e fui um dos fundadores do jornal *O Minarete*, que circulou pelas bibliotecas nos anos 1970.

---

9) MÓVEIS MARCEL L. CESTARI & IRMÃO

A família Cestari também é uma das primeiras famílias italianas a chegarem à região. Dedicou-se, inicialmente, ao extrativismo e à produção de carvão.

Foto: Manuel Filho

---

10) MOVEIS ABC LTDA RUA PADRE LUSTOZA 4 – FONE 43-1079 – AO LADO DO MERCADO

A inscrição do banco traz um dado interessante: AO LADO DO MERCADO. Esse mercado ficava à beira do rio, onde hoje está a Avenida Faria Lima. Assim, podemos concluir que se trata de estabelecimento comercial bastante antigo, anterior aos anos 1970.

Foto: Fernando Narasaki

Comércio

1) PREFEITURA MUNICIPAL OFERTA DE A MODELAR - ALFAIATARIA E ARTIGOS FINOS PARA CAVALHEIROS LUIZ MACEDO R. MAL. DEODORO N. 145

Todo mundo que se refere a essa loja o faz com muito carinho. O sr. Cyro Cassetari foi enfático: "O sr. Luiz Macedo não deveria ter morrido, deveria ter sido empalhado". Simpático e barrigudo, era comum vê-lo à porta cum-

Foto: Fernando Narasaki

primentando as pessoas. O alfaiate trabalhava com a mulher e o sobrinho, Waldir de Azevedo Marques, em sua loja próxima ao antigo Esporte Clube São Bernardo, fazendo ternos. Quando as mulheres precisavam de roupas, procuravam pelos serviços das costureiras. O sr. Henrique Pinchiari também informou que seu tio, Sérgio Alfaiate, foi aprendiz de Luiz Macedo e acabou abrindo sua própria loja diante do Colégio São José, onde trabalhou por muitos anos. A sra. Myrna Sparvoli Bonagamba adicionou uma história curiosa. Quando jovem, o sr. Macedo fora noivo de uma moça da família Lazzuri. No dia em que iriam ficar noivos, a jovem foi a São Paulo para comprar o enxoval. Porém, ao descer do ônibus e tentar atravessar a rua, acabou atropelada por um caminhão de toras de madeira e morreu no local. Eram os anos 1930. Ele só se casou, de fato, muito tempo depois.

---

2) CALÇADOS ELI – LARGO SANTA FILOMENA, 10 – FONE 43-1559

Foto: Fernando Narasaki

Pertenceu à família dos Sabatini. O avô do proprietário dessa loja, Eli, se chamava Samuel Sabatini, nome da praça que circunda o Paço Municipal. O pai dele se chamava Alfredo Sabatini, lembrado como um homem de comércio, generoso e diretor tanto do Palestra de São Bernardo como do Esporte Clube.

---

3) CAMILA FLORES ARRANJOS E DECORAÇÕES FONE 456-2204

Foto: Fernando Narasaki

Camila Flores era um dos grandes mistérios da praça; ninguém conseguia identificar o banco. Então, certo dia, resolvi postar a foto dele no Facebook e pedir ajuda. Algumas pessoas compartilharam e desejaram sorte. Uma delas, porém, Erika Gonçalves Herzogenrath, sugeriu que eu fosse a uma antiga floricultura da Rua Marechal Deodoro, Florestar, localizada justamente diante da casa na qual vivi durante minha infância, atrás de informações. Ela também mencionou a alteração do prefixo antigo para o atual 4127, porém, essa informação não procedia. Fábio da Silva Gomes, um historiador e jornalista da cidade, me disse que o número, na verdade, pertenceria a Diadema. Decidi ir verificar e fui à floricultura. Minha expectativa era a de encontrar alguém com cerca de 40 ou 50 anos, capaz de se

lembrar da concorrência. Quando entrei na loja, uma moça jovem, Alessandra Souza, perguntou o que eu queria. Eu a informei e, imediatamente, ela exclamou: "Camila Flores, trabalhei lá, fica em Diadema". Eu mal podia acreditar, seria brincadeira? Ela então foi procurar o novo telefone em seu celular e, de fato, o número havia mudado para 4056-2204. Também fui informado de que dona Camila já havia falecido e o negócio, portanto, possuía novos donos, alheios ao passado do comércio, que está localizado na Alameda da Saudade, 28, em Diadema.

---

4) PREFEITURA MUNICIPAL OF. DA CASA NAJLA - NAJLA CHEIDE TECIDOS E ARMARINHOS CALÇADOS BRINQUEDOS R. MAL DEODORO 230-B FONE - 3

Foto: Fernando Narasaki

Dona Najla Cheide foi lembrada como uma senhora dotada de grande habilidade política e que andava com muitas pulseiras de ouro. Amiga de Lauro Gomes, conseguiu obter uma alteração no traçado da praça. A loja de tecidos ficava exatamente no local da atual Kyoto, na Marechal Deodoro. A praça deveria se estender até os limites dessa loja, porém, ela obteve sucesso em fazer com que a obra terminasse alguns metros antes, criando um passeio, a calçada atual. Assim, seu estabelecimento passou a ter duas saídas. Uma para a Rua Marechal, e outra para a praça. Ela residia na parte de cima, enquanto, na parte de baixo, funcionava seu comércio.

---

5) MOVEIS TAPEÇARIAS ELETRO RÁDIO ROQUETTI LTDA ARTIGOS DOMÉSTICOS E PARA PRESENTES RUA SANTA FILOMENA 328 - FONE 43- _032

Foto: Manuel Filho

Em depoimentos, foi relatado que se tratava de uma loja que vendia aparelhos eletrônicos, como geladeiras, rádios e TVs. O proprietário teria sido o sr. Alípio Pedro Roquetti. Ficava perto do antigo Colégio Salete. Observa-se que seria outro empreendimento da família Roquetti, já apresentada como sócia da Fábrica de Móveis Sabro Ltda.

6) PREFEITURA MUNICIPAL OF. IND. DE MOVEIS E COLCHÕES LIBERTY R.S. LAZARO 203 - S. PAULO REPTE. FAUSTINO NEGRI - V. CORAZZA N. 1 FONE 36.1201

Foto: Fernando Narasaki

Este banco apresenta um detalhe único. Faz parte dos mais antigos da praça e nos mostra que já se trabalhava com representação nesta localidade. A Indústria de Móveis e Colchões Liberty era sediada na capital e representada nesta região por Faustino Negri, de família são bernardense. É um exemplo interessante de que a cidade atraía empresas de outros lugares, que, com o tempo, iriam colaborar para a extinção das fábricas de móveis. Nesse caso, a Colchões Liberty também enfrentaria seus próprios problemas, pois foi localizado um processo no qual os funcionários pediam a penhora de seus bens entre os anos de 1962-64.

---

7) LARA PEDRA E AREIA TEL 450-1366 450-3686

Foto: Fernando Narasaki

Essa empresa localizava-se em Mauá. Como outras do "terceiro tipo", provavelmente prestou serviços públicos à cidade e acabou também doando um banco. De qualquer maneira, seu nome nos reporta a um período comercial de São Bernardo do Campo. Seguindo-se pela Rua Tiradentes no sentido do antigo Clube da Volkswagen, hoje ocupado por um grande centro esportivo, havia uma famosa pedreira que esteve em atividade durante muitos anos e foi desativada em 1982. Ela pertencia a Giovani Margonari, porém, foi desapropriada pela prefeitura que dela passou a extrair os paralelepípedos para a pavimentação das ruas. Havia também uma bica que fornecia água de qualidade para a população. Era muito frequente as pessoas encherem seus galões nas várias torneiras de então. Entre os bairros da região, podemos destacar a Vila do Tanque e o Jardim Irajá.

8) CALÇADOS FINOS SAPATOS POPULARES MAGAZINE SANTA RITA DE CÁSSIA O MILAGRE EM PREÇOS BAIXOS - RUA PADRE LUSTOZA 165 (RUA DO MERCADO)

Foto: Fernando Narasaki

Nesse caso, não foi possível a apuração de mais informações dessa loja. Porém, o banco fornece importantes dados. A propaganda ressalta o uso de calçados criando duas frases diferentes para se referir ao mesmo produto: CALÇADOS e SAPATOS. Assim, conclui-se que se tratavam das principais mercadorias vendidas. Temos nas imediações duas possíveis alfaiatarias (sr. Luiz Macedo e Sérgio Alfaiate), portanto, seria oportuna a existência de tal comércio no local. Também observa-se que a loja se localizava na Rua do Mercado, assim pode ter existido entre os anos 1950-60, quando essa informação era relevante. Também é curiosa a associação do nome de uma santa (Rita de Cássia) com a possibilidade de se conseguir um milagre nos preços.

---

9) PREFEITURA MUNICIPAL OFERTA DA PADARIA E CONFEITARIA STA. TEREZINHA PAULO MARTIM BIANCO RUA MARECHAL DEODORO N. 121-A

Foto: Fernando Narasaki

Há muitos aspectos relevantes neste banco. Como vários, ele traz o nome do estabelecimento comercial e, em seguida, do proprietário, Paulo Martim Bianco. Um filho dele se casou com o irmão da sra. Rita Zincaglia, secretária do prefeito Lauro Gomes, conforme declarado pelo sr. Cyro Cassetari. A padaria fica praticamente em frente à Rua Paissandu e sempre esteve no mesmo lugar. Os donos, entretanto, mudaram frequentemente. Na sequência, ela foi adquirida pelo sr. Leônidas Corghi, que a renomeou com seu sobrenome. Atualmente, ela se chama Padaria Valentim. O sr. Osmar Margonari relatou ir de bicicleta de sua casa ao centro, atravessando o bosque, hoje ocupado pelo Colégio João Ramalho, para comprar pão nesse estabelecimento. A sra. Eliana Cisi contou que, em meados dos anos 1960, ela, de apenas 6 anos, ia sozinha pegar um filão de pão e uma garrafa de leite com sua caderneta, de número 20.

Lembrou-se da existência de um nicho no qual repousava a imagem de Santa Terezinha. É curioso observar que tanto essa padaria quanto a Icaraí, sua concorrente, doaram seus bancos no período mais antigo, e ambas sempre ocuparam o mesmo prédio. Assim, observando-se a numeração indicada, é possível estimar as enormes mudanças ocorridas na Rua Marechal Deodoro, seja em quantidade de construções e/ou divisão de espaço. A Santa Terezinha ocupava o número 121-a, hoje, 2099. A Icaraí, ocupava o 353-A, hoje, 2.239.

---

10) PREFEITURA MUNICIPAL OF. PANIFICADORA E CONFEITARIA ICARAI R. RODRIGUES RUA MARECHAL DEODORO 353-A

Foto: Fernando Narasaki

O estudo e as tentativas para se descobrir as origens dessa padaria foram um dos mais interessantes deste projeto. Ela é um dos poucos comércios existentes no mesmo local de origem sem ter trocado de nome. Foi também o primeiro estabelecimento abordado em busca de informações. Porém, foi uma busca totalmente infrutífera. A pessoa que me atendeu desconhecia a existência do banco e não soube me dar nenhuma informação. Achei que seria um assunto difícil, entretanto, acabou se tornando um dos mais fáceis. Certo dia, resolvi postar uma foto do banco da praça juntamente com uma imagem atual da padaria. Ao vê-la, uma amiga mencionou que o dono era pai de uma pessoa por mim conhecida. Fiquei surpreso e, para minha alegria, eu realmente havia estudado durante vários anos com essa amiga no Colégio Maria Iracema Munhoz, Susana Gomes. Imediatamente a contatei e ela demonstrou-se admirada em saber da permanência do banco. Quando criança, exibia-o orgulhosa para os colegas. Acabei não tendo essa oportunidade naquele momento. Então, ela questionou o pai, Álvaro Fernandes da Silva Carvalho, imigrante português, que chegou a São Paulo no ano de 1954, ano da inauguração da praça, com 15 anos. Como uma de suas primeiras atividades, de bicicleta, entregava pão no bairro do Pari, na capital. Até hoje é possível se observar esse tipo de serviço em muitos bairros. Passados os anos ele se tornou proprietário do prédio da Padaria Icaraí, mas não da atividade comercial. Isso só viria a acontecer alguns anos depois, quando ele comprou o negócio com o irmão, Adriano da Silva Carvalho, em 1966. Atualmente, permanecem conduzindo a Icaraí. Vários depoentes se lembram do exclusivo pão preparado por ela, que se chama "pão corninho", por ter no formato um par de chifres.

---

11) RESTAURANTE SÃO JUDAS TADEU DEMARCHI AV MARIA SERVIDEI DEMARCHI 1749 SÃO BERNARDO DO CAMPO

Foto: Fernando Narasaki

Para este anúncio, tive a oportunidade de entrevistar o sr. Osmar Demarchi, que também desconhecia a existência do banco. Sempre foi uma experiência curiosa acompanhar essa "descoberta" pelos antigos proprietários. Em particular, ele se mostrou curioso ao ver o velho logotipo, em desuso há anos, certamente dos anos 1970. Constatou, satisfeito, que o número na avenida permanecia o mesmo. Seu pai, Albino Demarchi, possuía o bar Coringa na Rua Dr. Fláquer, centro da cidade. O bar não prosperou e ele decidiu vendê-lo. A família Demarchi já possuía um armazém de secos e molhados em um bairro afastado do centro, hoje bairro Demarchi, no qual vendiam fubá e milho. Consumidores vinham de São Paulo para comprar esses produtos e reclamavam a falta de algo para comer. Sugeriram que ele preparasse uma polenta, em seguida fritasse um frango e, assim, nasceu aquele que seria o carro-chefe do grande restaurante até os dias de hoje. No salão principal está exposto o primeiro moinho utilizado. O sr. Osmar se lembrou de que o restaurante pioneiro da região, já desaparecido, foi fundado pela família Tolloti.

Serviços

1) ESCRITÓRIO TÉCNICO CONTÁBIL MESSE LTDA FONE 448-1122

Foto: Fernando Narasaki

O escritório foi fundado pelo sr. Waldir Cartola, em 1972, que já foi deputado estadual. O nome foi escolhido por representar diferentes sentidos, todos de prosperidade. Messe significa colheita em italiano, feira em alemão e lucro em terminologia jurídica. Sua relação

com a Praça Lauro Gomes é muito importante. Ele estudou no Grupo Escolar e foi jogador, conselheiro e treinador do Clube Palestra. Sua descrição do Casarão do Bonilha é muito viva e ele conta que havia uma grande escadaria com um relógio imponente no topo dela. Possuía pé direito alto e produzia eco. Lembra-se do assassinato de Gumercindo, segurança da prefeita Tereza Delta, na praça, e dos paralelepípedos da Rua Marechal Deodoro. Seu Waldir citou diversas passagens pitorescas. Em uma delas, disse que não gostava de usar sapatos para ir à escola, mas era obrigado pela mãe. Saindo do campo de visão dela, os retirava e os levava nas costas. Só os recolocava para entrar no grupo. Um muro separava a velha escola do campo do Palestra e nele havia um buraco. Era frequente que os garotos o atravessassem para jogar bola do outro lado. Durante a gestão de Tereza Delta na prefeitura, os jovens eram provocados com a seguinte frase: "Ah, você é daquela cidade em que a mulher manda?" Registrou ainda que doar um banco era motivo de orgulho, aspecto que suplantava em muito o da publicidade.

2) KENTI INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA LTDA IDEIAS EM ALIMENTAÇÃO FONE (011) 946-2429

Foi fundada em 7 de fevereiro de 1974 e atuava no segmento alimentício com o nome Kenti Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. Consta o encerramento das atividades em 31 de dezembro de 2008.

Foto: Fernando Narasaki

3) REAL SERVIÇOS TÉCNICOS S/C LTDA

Empresa que prestava serviços de limpeza pública nesta cidade e na capital. Foi localizado um decreto na prefeitura de São Bernardo permitindo que a empresa utilizasse espaço público para a guarda de seus equipamentos, certamente destinados à natureza dos serviços prestados. O decreto é o 13.503, de 4 de outubro de 2001.

Foto: Fernando Narasaki

4) REFEIÇÕES DENADAI SABOR CASEIRO TEL 412116

Empresa ainda atuante no segmento de alimentação. Nas vezes em que foi citada pelos entrevistados, eles lembravam que ela servia alimentos em presídios. Atualmente, teria cerca de três mil empregados, atuando em mais de 400 unidades industriais e hospitalares, servindo cerca de 250 mil refeições por dia.

Foto: Fernando Narasaki

5) RETIFICADORA SÃO JORGE LTDA PEÇAS GENUÍNAS MOPAR MOTORES RUA SANTA FILOMENA 303 FONE 43-1956

Essa empresa, provavelmente fundada em 1960, pertencia ao sr. Jeremias de Oliveira Franco, já falecido, e é possível encontrar documentos sobre alterações em sua sociedade datados de 1966. Existe na cidade de Diadema uma oficina chamada Retífica São Jorge, que foi contatada, porém, não há qualquer relação entre elas. Curioso perceber que em São Bernardo ainda existe a Retífica de Cabeçote São Jorge e, em Santo André, a Retífica Seu Jorge, que também era São Jorge, mas mudou de nome. Pelo jeito, o santo está em alta nesse tipo de negócio...

Foto: Fernando Narasaki

6) SANTO ANDRÉ MONTAGENS E TERRAPLENAGEM S A FONE 457 - 4244

Fundada em 1966 e encerrada em 2008. É possível encontrar registros desta empresa no Diário Oficial da União desde 1975 até 2003, com diversas ocorrências. Fui até o endereço indicado na internet, mas existe apenas um terreno vazio fechado por uma parede. Ao telefonar para o número mencionado, fui atendido por uma pessoa que informou deter a propriedade da linha há onze anos. Observou ainda sempre receber telefonemas de pessoas atrás

Foto: Fernando Narasaki

dessa empresa. Provavelmente, era uma prestadora de serviços públicos, o que caracteriza o perfil de vários doadores do "terceiro tipo".

7) VEGA SOPAVE SERVIÇOS DE LIMPEZA PÚBLICA

Empresa ainda atuante nos serviços de limpeza pública. Era comum ver caminhões de lixo andando pela cidade com o símbolo dela gravado, inalterado até os dias de hoje. Existe há quarenta anos e oferece suas operações para diversos estados brasileiros.

Foto: Fernando Narasaki

Indústria

1) OFERTA DE CARROCERIAS CARRAÇO

A Indústria Carraço S.A. teve o início de suas atividades na cidade de São Paulo no início dos anos 1950 e foi transferida para São Bernardo do Campo, local onde funcionou durante mais de 25 anos, quando acabou encerrando suas atividades. Foi um importante fabricante de capotas de aço para utilitários. Começou produzindo para os Jeep Willys e se tornou o principal fornecedor do veículo DKW Candango. Projetou e fabricou cabines duplas e carrocerias de ambulâncias, furgão e até de carro-forte.

Foto: Fernando Narasaki

2) PREFEITURA MUNICIPAL OFERTA DA FAB DE SALTOS DE MADEIRA SÃO BERNARDO D. J. BALLOTIM & CIA LTDA RUA ALAMEDA GLORIA N 3

Essa é uma das fábricas mais interessantes e, provavelmente, das mais antigas representadas na praça. A primeira referência encontrada para ela está no álbum de São Bernardo, de João Netto Caldeira, de 1937. O fundador da empresa, nascido nesta cidade, foi o sr. Domingos João Ballotim e é apresentado como alguém que goza de "grande apreço pela sua inquebrantável honradez". A fundação ocorreu em 1934 com o nome de Fábrica de Saltos S. Bernardo no mesmo endereço indicado no banco. O telefone era o de número 33. As instalações, consideradas modernas e bem construídas, ocupavam 500 metros quadrados, empregava 20 funcionários e se utilizava de equipamentos impulsionados por 26 motores de força global de 60 HP. O filho dele, Sigismundo Sérgio Ballotim, chegou a ser prefeito de São Bernardo por um curto período de tempo, quando Lauro Gomes se afastou no ano de 1955. É uma empresa lembrada com carinho. A mãe da depoente Inês Vergueiro se lembra de ter visto os saltos dos tamancos secando até à beira da calçada. Os tamancos eram muito populares, usados por homens e mulheres. O sr. Cyro Cassetari afirmou que na cidade havia dois sons tradicionais: os apitos das fábricas e o *plac-plac* dos tamancos na calçada da Rua Marechal Deodoro.

Foto: Fernando Narasaki

Pessoa física

1) PREFEITURA MUNICIPAL OFERTA DE EMILIO BACCARAT

Este banco certamente é um dos meus preferidos. É o único existente doado por uma pessoa física. Imaginei que seria um dos mais difíceis em se obter informações, porém, durante a pesquisa em jornais antigos, uma matéria informava que o senhor era amigo de Lauro Gomes (coluna "Memória". Ademir Medici, *Diário do Grande ABC*, 21/5/1994). Posteriormente, através de depoimentos, descobri que se tratava de um senhor muito rico, que "vivia na prefeitura", mas ninguém conhecia exatamente o teor de suas atividades no local. A oposição o chamava de "primeiro-ministro". A sra. Maria de Lourdes de Azevedo Marques afirmou que ele tinha dois filhos: Mário e Roberto. Pessoa finíssima, muito educado, já idoso nos anos 1950. Vestia-se elegantemente sempre de terno branco, chapéu panamá importado e sapato preto de verniz. O homem era "classudo". Em depoimento, a sra. Rita Zincaglia informou que o sr. Emílio Baccarat trabalhava como "comissário do café", profissão extremamente rentável com a qual se intermediavam as milionárias transações de exportação do produto. Há uma rua com o nome dele no bairro dos Casa.

Foto: Fernando Narasaki

Outros bancos

Quando Ademir Medici realizou seu levantamento em 8 de janeiro de 1988, foram identificados 50 bancos. Desses, apenas 36 traziam propagandas antigas. Os demais estavam em branco ou indicavam somente a frase: Prefeitura Municipal.

Passados vinte e sete anos, localizaram-se 31 bancos com anúncios. Não foram contados os "em branco" ou com a menção "Prefeitura Municipal", que também apresentam diversas variações na forma de gravação.

Porém, nove propagandas exibidas atualmente não existiam no primeiro levantamento, são elas: Camila Flores Arranjos e Decorações; Escritório Técnico Contábil Messe Ltda.; Kenti Indústria Alimentícia Ltda. Ideias em Alimentação; Lara Areia e Pedra; Real Serviços Técnicos S/C Ltda.; Refeições Denadai Sabor Caseiro; Restaurante São Judas Tadeu; Santo André Montagens e Terraplenagem S. A.; Vega Sopave Serviços de Limpeza Pública.

E, finalmente, entre os dois estudos desapareceram as seguintes propagandas: A Cinderela Roupas Infantis e Brinquedos; Alfaiataria Central; Alumínio Fuji; Auto Escola Continental; Café São Bernardo; Droga ABC; Dufipa S.A. Ind. e Com; Materiais para Construção W. Rocco & Cia Ltda.; Móveis em Fórmica Irmãos Roquetti Ltda. (há foto disponível na Seção de Patrimônio); Móveis Grotti & Lages Ltda.; Padaria e Confeitaria Brasil; Retorcedeira Ipiranga S.A.; Toro S.A.

Houve ainda o banco Extintores e Equipamentos Contra Incêndio ABC, identificado como de terceiro tipo, cuja loja era localizada na cidade de São Caetano do Sul (SP). Sua existência foi comprovada em razão de foto disponível na Seção de Patrimônio.

Observando essas empresas, podemos constatar que, caso os bancos ainda existissem, a família Roquetti teria sido a principal doadora; teríamos três no total (existe uma foto disponível na Seção de Patrimônio do banco desaparecido). A família Grotti, que teve membros mortos por um raio dentro da própria residência, conforme afirmado pela sra. Myrna Sparvoli Bonagamba, também estaria representada. Há um registro fotográfico do banco da "Auto Escola Continental" completamente destruído.

Também desapareceram, provavelmente pelo conteúdo político de sua mensagem, bancos mencionados no livro de *200 anos depois*: um deles trazia a vassoura do Jânio Quadros, outro, o pintinho do Carvalho Pinto, e o terceiro o charuto do Lauro Gomes com um mapa do Brasil.

Curiosamente, durante este trabalho e sem que eu pedisse, recebi de uma empresa, a Damião Pré-Moldados, um orçamento para colocação

Acima: Praça Lauro Gomes, detalhe da Fonte Princesa Isabel, a redentora, 2015
Foto: Fábio Sgroi

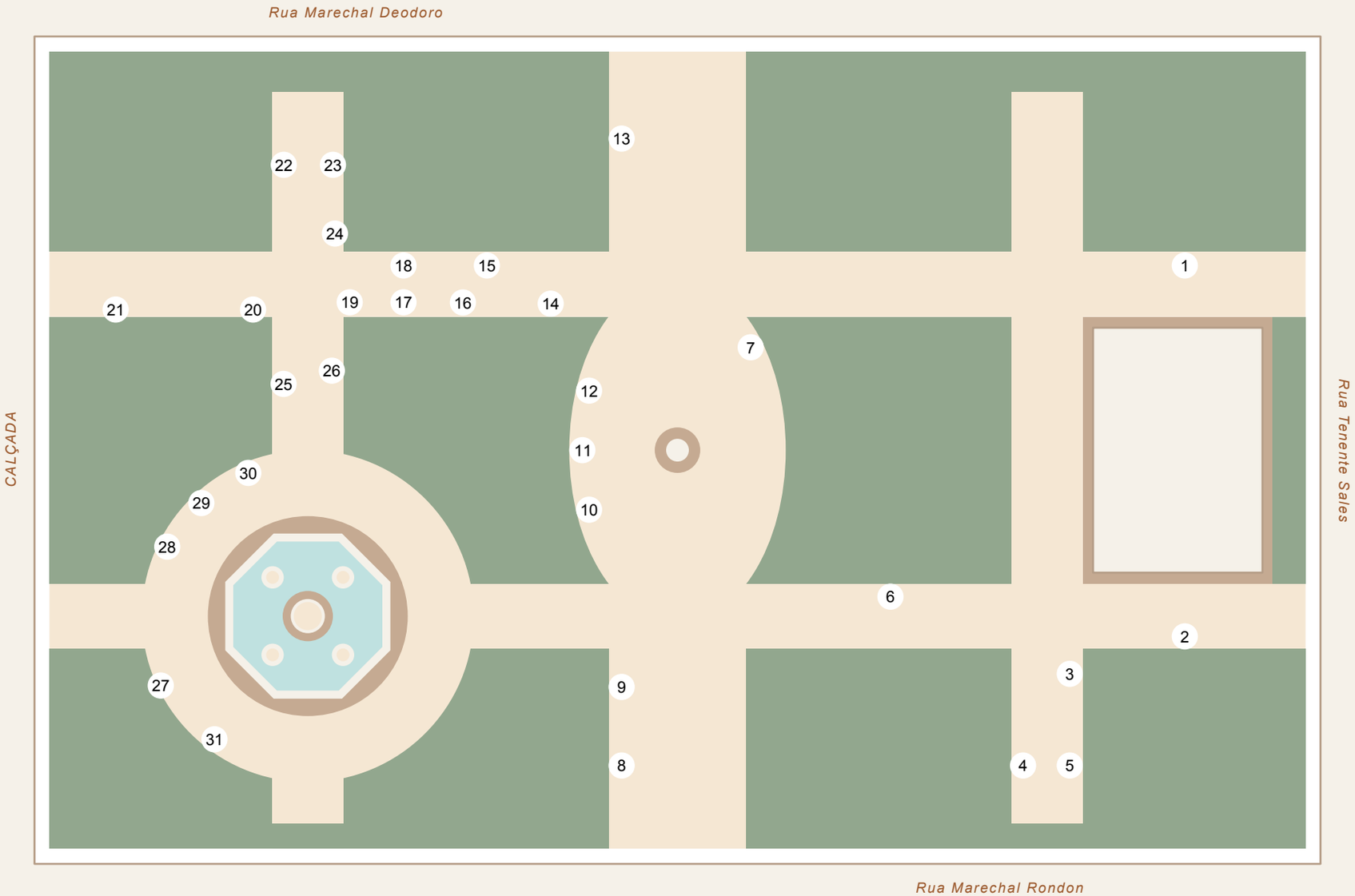
de bancos de granito. Os valores apresentados foram: banco pré-moldado com encosto, valor unitário – R$ 400,00; banco pré-moldado sem encosto, valor unitário – R$ 280,00, pagamento 30 dias, frete R$ 250,00 e prazo de entrega 30 dias.

Infelizmente, percebe-se que uma parte da história comercial/industrial da cidade se perdeu, porém, não suas memórias. Ao ver a lista de bancos, a sra. Eliana Cisi sorriu e contou uma história. Certa vez, bem criança, ela viu um calçado amarelo na loja da Cinderela e bateu o pé que o queria. Depois de muita insistência, o recebeu de presente, mas o calçado lhe feriu os pés. Alguns anos depois, repetiu o erro ao insistir em outro modelo daquela loja para a primeira comunhão. Praticamente não pôde usá-lo; novamente, machucou-se. Ficamos sem saber se os sapatos eram de baixa qualidade ou se a menina não tinha sorte. O *slogan* da loja, porém, é de longe o mais interessante e criativo. Um estabelecimento que se chamava Cinderela, certamente pretendia atrair "princesas", tão em voga hoje em dia. Abaixo, a transcrição completa:

SE NA CINDERELA VOCÊ COMPRAR
VALE O DOBRO O QUE VOCÊ GASTAR
A CINDERELA
ROUPAS INFANTIS E BRINQUEDOS
RUA PADRE LUSTOZA 200 (RUA DO MERCADO)

Praça Lauro Gomes, 2015
Foto: Fábio Sgroi

Praça Lauro Gomes, 2015
Foto: Fábio Sgroi



MAPA DOS BANCOS NA PRAÇA

1. FÁBRICA DE MÓVEIS SABRO LTDA SABATINE E ROQUETTI
2. FÁBRICA DE MÓVEIS SÃO FRANCISCO IRMÃOS ONGARO E CIA LTDA
3. INDÚSTRIA DE MÓVEIS E COLCHÕES LIBERTY
4. PADARIA E CONFEITARIA ST TEREZINHA PAULO MARTIM BIANCO
5. FÁBRICA DE MÓVEIS IRMÃOS DI FAVARI & CIA LTDA
6. CAMILA FLORES ARRANJOS E DECORAÇÕES
7. FÁBRICA DE MÓVEIS SANTA LUCIA – GUAZZELLI & CIA LTDA
8. IRMÃOS BELLINGHAUSEN & CIA LTDA
9. ONEDA & CIA LTDA
10. CARRAÇO OFERTAS DE CARROCERIAS
11. MAGAZINE SANTA RITA DE CÁSSIA
12. MÓVEIS MARCEL L. CESTARI & IRMÃO
13. MÓVEIS ABC LTDA
14. INDÚSTRIA DE MÓVEIS IRMÃOS MARGONARI LTDA
15. CASA NAJLA NAJLA CHEIDE TECIDOS E ARMARINHOS CALÇADOS BRINQUEDOS
16. LARA PEDRA E AREIA
17. PANIFICADORA E CONFEITARIA ICARAI
18. ESCRITÓRIO TÉCNICO CONTÁBIL MESSE LTDA
19. VEGA SOPAVE SERVIÇOS DE LIMPEZA PÚBLICA
20. REAL SERVIÇOS TÉCNICOS S/C LTDA
21. A MODELAR ALFAIATARIA E ARTIGOS FINOS PARA CAVALHEIROS
22. CALÇADOS ELI
23. REFEIÇÕES DENADAI SABOR CASEIRO
24. ELETRO RÁDIO ROQUETTI LTDA
25. RETIFICADORA SÃO JORGE LTDA
26. EMILIO BACCARAT
27. FABRICA DE SALTOS DE MADEIRA SÃO BERNARDO D. J. BALLOTIM & CIA LTDA
28. RESTAURANTE SÃO JUDAS TADEU
29. KENTI INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA LTDA IDEIAS EM ALIMENTAÇÃO
30. FÁBRICA DE MÓVEIS SÃO BENTO LTDA
31. SANTO ANDRÉ MONTAGENS E TERRAPLENAGEM S A

Criação deste projeto

Este projeto nasceu da minha curiosidade e convivência por muitos anos com a praça. Sempre quis ler algo sobre ela, mas nunca encontrei. Penso que, agora, ofereço algum material de um tempo específico no qual a praça está em más condições.

Cercada, ela oferece, inclusive, perigo. Assemelha-se a uma jaula de onde uma fuga se tornaria muito difícil. A fonte está totalmente depredada e o lixo se acumula no local onde deveria haver água limpa jorrando de vez em quando.

O comércio irregular prospera, impedindo a visão de vários bancos.

O contraste evidente deste livro é o verificado entre os depoimentos dos áureos tempos dos octogenários e o do garoto Vitor Ribeiro Gallo, de 10 anos, que escreveu um conto lamentando as condições atuais.

Procurei tomar muito cuidado para não deixar uma impressão saudosista, avessa a mudanças. Apenas penso que a praça deveria ser preservada de forma que toda a população se sentisse à vontade para frequentá-la. Que ela voltasse a apresentar shows, exposições temporárias e performances teatrais. Enfim, tantas coisas úteis poderiam ser feitas em uma praça localizada no coração da cidade e com uma escola que a observa diariamente.

Assim, este projeto começou com um único propósito: contar as histórias dos bancos da praça. Imaginei que iria acabar me limitando a dados técnicos, datas de abertura e encerramento de atividades, o que acabou se mostrando irrelevante. Deparei-me, entretanto, com muita vida por trás de cada um deles. Quando surgia alguma dúvida ou curiosidade, bastava sair de casa e entrevistar alguém para descobrir diversos aspectos jamais considerados.

A praça está tombada, conforme documento obtido na Seção de Patrimônio datado de 18 de setembro de 2013 e aguarda por trâmites legais para que o processo seja finalizado.

Este trabalho foi dividido em três partes: pesquisa, oficina literária e publicação dos resultados neste livro.

A pesquisa ocorreu na praça propriamente, na Seção de Patrimônio, na internet, em diversos livros, entrevistas e, principalmente, no importante acervo da Seção de Pesquisa e Documentação (Memória).

A oficina literária ocorreu pela internet e na Biblioteca Monteiro Lobato durante os meses de dezembro de 2014 e janeiro de 2015.

Agora, você irá ler os trabalhos que os moradores da cidade criaram inspirados nos dados de minha pesquisa. Baseados nela e em suas experiências pessoais, colocaram a imaginação para funcionar e escreveram textos originais e interessantes.

Você já leu a *história* da praça.
Agora, conheça as *histórias*.

Palestra FC. Vista geral da arquibancada. Abaixo, portas e janelas dos vestiários dos jogadores. Local hoje ocupado pela Praça Lauro Gomes, 10 de novembro de 1950

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Parte II

Histórias

Praça Lauro Gomes. Vista Parcial. Ao fundo, casa do dr. José Fornari. Ao fundo, acima, eucaliptos das Indústrias Matarazzo, 1958

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Praça Lauro Gomes. Feira de Artesanato, 1981

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Carla Rubio

Banco Camila Flores

Eu sou um banco. Não qualquer um. Vivo em uma praça e sou garoto-propaganda. Sou modelo da Camila Flores. Modéstia à parte, o banco mais charmoso da praça.

Claro que existem outros aqui, mas nenhum deles é como eu. Sou, o cara! OK, está bem, sei que você deve estar pensando: "Mas que história é essa de banco garoto-propaganda?".

Acontece que, há algum tempo, eu não fui muito legal. Ou fui? Impossível eu não ter sido legal. Mas como não se pode agradar todo mundo nesta vida, eu fui castigado.

Lembro-me como se fosse hoje. Ela entrou pelo portão da escola, tímida e perdida. Era como se qualquer um pudesse lhe fazer mal ou arrancar um pedaço, sempre desconfiada. E eu, bem, não resistia a esse tipo de garota. Eram as minhas preferidas.

Comecei a observar seus movimentos, apenas na espera do momento certo para conquistá-la com todo meu charme.

Porque a conquista é como uma guerra: vence o melhor, uma batalha por dia. É preciso ter estratégia e paciência. E quando menos esperar, o brotinho está no papo.

Os dias foram passando e estava cada vez mais fácil de completar minha missão. Foi no dia 15 de março de 1979. Ela estava sentada no pátio com seu jeitinho de sempre. Eu me aproximei e perguntei se queria companhia para passar o tempo do intervalo. Não disse nem que sim nem que não. Todo mundo sabe que o silêncio quer dizer muito mais um sim.

Sentei-me ao seu lado e comecei a conversar. Fizemos isso por algumas semanas. Eu não estava me reconhecendo. O que tinha de diferente naquela garota que fazia com que eu não agisse como de costume, atacando-a?

Não conseguia ficar longe dela, simplesmente. Era hipnotizado pelo seu olhar e pela sua voz doce, que entrava em meus ouvidos e tomava conta de mim.

Se eu me achava malandro, tinha uma turma no colégio que era um pouco pior. Esses caras eram temidos por todos. E, para ajudar, um deles era apaixonado por ela desde criancinha. Ao notarem que eu estava de olho na Camila,

sim, esse era seu nome, eles decidiram armar para que ela nunca mais quisesse me ver.

Eu não tinha muita escolha, era ela ou eu. A proposta era a seguinte: Eu deveria convencê-la a passear comigo. Estava um pouco atrasado para escola, mas já tinha carro. Algumas garotas fariam qualquer coisa para dar uma volta comigo. Não só tinha que levar a Camila para passear, como tinha de abandoná-la no meio do nada para que ela ficasse desesperada. Nessa hora apareceria o João Grandão, que era o garoto mais encrenqueiro da gangue e a salvaria. Dessa maneira, conquistaria seu coração. Precisava de tudo isso porque era um bruto e não fazia a menor ideia de como ganhar uma garota.

Como eu tinha muito medo deles e temia por minha vida, acabei aceitando o desafio.

Convidei Camila, e, como já tinha conquistado sua amizade e confiança, não foi tão difícil levá-la para passear. Quando entrou no carro me perguntou para onde iríamos e eu disse que seria para um lugar especial e bonito. Estávamos indo para a represa. Pedi que me deixasse vendar seus olhos antes de descermos do carro. Ela deixou. Saímos do carro e lá estavam todos da gangue escondidos em silêncio no lugar combinado. Pedi então que Camila contasse até dez e enquanto isso me afastei e entrei no carro sem que ela percebesse.

O que nem eu e os garotos da gangue sabíamos é que Camila era filha de feiticeiros. Ela tinha poderes mágicos. Ao perceber o que estava acontecendo, não hesitou em nos enfeitiçar. Transformou cada um de nós nos bancos da praça que existem em frente ao Colégio Iracema Munhoz.

E foi assim que eu e os outros garotos viemos parar aqui na Praça Lauro Gomes. Eu, por ter sido um sedutor barato, acabei virando propaganda da loja de flores da família de Camila. E hoje ajudo rapazes apaixonados a lembrarem-se quando passam por aqui de levarem flores para suas amadas. O feitiço somente se extinguirá quando cem mil garotas receberem rosas vermelhas. Até lá serei o eterno garoto-propaganda da Camila.

Inês Vergueiro

A Modelar Alfaiataria e Artigos para Cavalheiros

– Então é isso? Depois de décadas ocupando esta cátedra, vão me substituir? Estou tão velho assim? Fiquei inútil, obsoleto? Ou são estas rachaduras insignificantes no meu encosto? *Mors etian saxis marmoribusque venit!* ("A morte vem até para as pedras e os mármores!").

– Até ontem, me parece, ainda servia muito bem para acomodar toda essa tralha que chamam de mercadoria e com que me acobertam há anos e sob a qual mal consigo respirar.

– Saibam, senhores, que não foi sempre assim, não! Já fui um distinto banco nesta praça, eu me lembro! Pessoas me ocupavam, conversando, repousando depois de um dia de fatigante trabalho, jovens elegantes me escolhiam estrategicamente para cortejar as pequenas que por aqui passavam fingindo não notar, senhores bem informados discutiam, sobre meu arcabouço, os fatos que agitavam a vida, não só desta cidade, como de todo o país. Sempre fui um bom ponto e continuo sendo... Por muitas e outras ordinárias razões.

– Enfim, vocês aí, com essas ferramentas em mãos, prontos para arrebatarem minhas raízes deste chão, e vocês, outros, que aqui se encontram todos os dias e nem sequer se apercebem de minha existência: tenho uma biografia, ouviram? E dela fazem parte todos os que por aqui passaram e ainda passam, suas histórias, suas dores e seus contentamentos. E, em cada um desses assentos, o tempo segredou seus fatos, acontecimentos, fidedignamente ou não. Vi e ouvi muita coisa nesses anos todos, testemunhei o que os mais jovens nem imaginam e os mais velhos pouco se lembram.

– Por isso não partirei daqui sem um clamor! Saibam que saio da vida para entrar na História! Do alto deste assento vi o Brasil viver cinquenta anos em cinco! Hoje, forças terríveis levantam-se contra mim! Tiram-me a alegria de ver o povo reunido na praça que só ao povo pertence, a praça é do povo como o céu é do avião!

– Eu me pergunto: O que é isso, companheiro? Que país é este, sem memória? Sim, quem sabe faz a hora, não espera acontecer, nem lamenta o ontem porque amanhã vai ser outro dia! Só peço que pensem nas criancinhas! Que serão delas sem as praças e seus bancos?

– Por isso eu suplico: não vamos nos dispersar, não me deixem só! O brasileiro é um povo caipira, um povo das ruas e das praças. Foi nelas que a esperança venceu o medo, como nunca antes, na história deste país.

– Sim, já estou velho, se tivessem me perguntado neste ano que se foi, o que esperaria para o vindouro, teria respondido: "morrer". Mas hoje eu digo, não inutilmente, não sem lembrar a esta cidade a qual pertenço, meu valor:

– Povo de São Bernardo do Campo, de cima deste banco sessenta anos vos contemplam!

Jayme Benarrós

Será que o ex-prefeito Lauro Gomes de São Bernardo do Campo sentou-se alguma vez em algum banco da praça que tem seu nome?

Alguém aí sabe me dizer se o prefeito das crianças sentou-se alguma vez em um dos bancos da Praça Lauro Gomes? Pois vou contar-lhes uma história, não sei afirmar se é verdade ou coisa do povo, mas que tem gente que acredita nela, de pé junto: ah, que aí tem, tem!

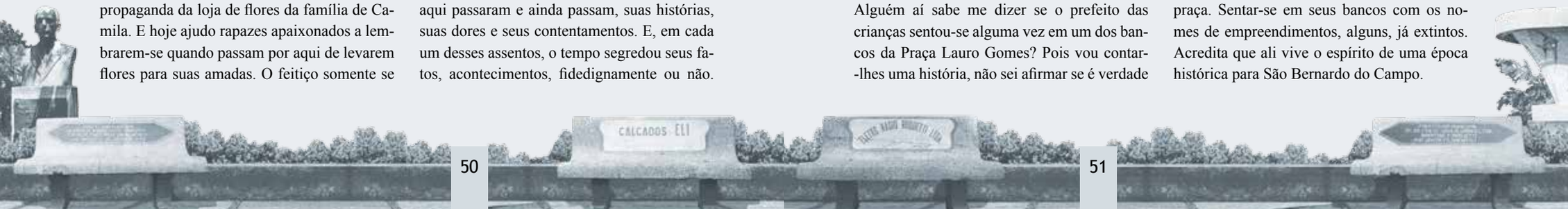
Certa manhã, ainda a Marechal Deodoro silenciava, as lojas fechadas esperavam o momento de escancararem suas bocarras para receberem os frequentadores do dia. Então, lá estava ele sentado, no banco Lara Areia e Pedra. Busto ereto. Mãos delicadas sem serem femininas, pousadas nos joelhos encapsulados por calças de corte elegante.

Em que pensava o prefeito? Nas questões políticas? Nas obras em andamento? Em Paris? Não. Pensava nela. Quando a encontraria para seu aniversário. O que comprar? Que difícil! Não lhe faltava nada. Claro, as rosas já eram de praxe. Um jantar íntimo? Não, queria algo mais. Gostava de mimá-la. Fazia-lhe bem à alma presenteá-la. Seu espírito se regozijava.

Foi quando um casal, que se aproximava em sua direção, chamou-lhe a atenção. Abraçados. Ela, apoiando a delicada cabecinha no ombro dele. Alheios a tudo e a todos, vinham entre sorrisinhos e gracejos. Veio-lhe a ideia: nunca puderam ficar assim, descontraídos em público, somente ele e ela. Tinham que ser prudentes.

Fitou-os com insistência. Nada os distraía. Mas o que é isso? Diante de suas pernas e do banco, em que distraído elucubrava (bancos de praça são símbolos do amor, do devaneio dos poetas e do repouso merecido), não se aperceberam de sua presença e sentaram-se. Sentiu uma sensação de arrepio sobrenatural. Confuso e sem compreender, levantou-se para procurar outro lugar de sossego.

Pois assim é. Conta-nos a lenda urbana que o ex-prefeito Lauro Gomes não partiu para a outra vida por sua vontade. Morreu de súbito nos braços da amada. E ainda hoje não aceita sua morte. Morto, vive como se fosse vivo. Frequenta a cidade. Gosta em particular desta praça. Sentar-se em seus bancos com os nomes de empreendimentos, alguns, já extintos. Acredita que ali vive o espírito de uma época histórica para São Bernardo do Campo.



Não sei se vocês acreditam em lendas urbanas. Não sei se acreditam na vida após a morte. Não sei em que acreditam. Mas aí está uma história que alguém me contou. Ou será que a li em algum lugar? Não sei...

Luiza Benarrós

O Rei

A neblina escorria do céu ao chão, formada em qualquer espaço que houvesse nas trilhas, entre os canteiros e as copas das árvores. Independente da fumaça fria e espessa, quem estivesse observando de longe poderia ver a figura se aproximando. Não tão veloz, mas rápido o suficiente para se sentir estremecer pela aproximação impetuosa. Um borrão cambaleante.

Conforme chegava mais perto, deixava de ser apenas um borrão e tomava certa forma. Os braços abertos, quase formando um "T" perfeito. Era o borrão mais feliz que os bancos presenciaram passar por ali, a alegria emanava transparente e pura através da névoa cinzenta, acompanhada de uma gargalhada gostosa e interrompida para que um som quase igual ao de turbinas tomasse seu lugar.

De um segundo para outro, como um *bam* existencial, o borrão se tornou algo um tanto nítido. Uma criança, um garoto gorducho de bermuda azul até os joelhos, com bochechas rosadas ainda mais ressaídas pelo biquinho de onde saía o distinto barulho de "turbinas". Não parecia se incomodar de forma alguma com a mochila balançando em suas costas, para cima e para baixo, batendo em sua coluna. Ignorava também os sapatos e as meias encharcados de lama, e sentia o vento batendo em sua cara e puxando seus cabelos para trás.

O garoto-avião de súbito fez uma curva acompanhada de um salto desajeitado que, por milímetros, não lhe arranhava a canela na pedra do banco em que pulou em cima. Ali estava, braços prontos para um abraço, ofegante, pouco suor escorrendo pela testa, peito estufado, puxando o ar com força e um sorriso escancarado em seu pequeno rosto. Bem ao seu redor estava seu reino, sua praça.

"Eu sou Rei!", ele gritou para os bancos que presenciavam a cena, os quais, se pudessem, sorririam e gargalhariam com o garoto, que jogava seu corpo para trás com as mãozinhas sob a barriga, se aproveitando da própria felicidade.

Desceu de seu pedestal com cautela e voltou a abrir os braços, pronto para desbravar mais um reino. Talvez, ainda desse tempo de um cochilo depois do almoço.

Marcelo Catelan

Emílio Baccarat

– Que tipo de investimento você sugeriria para mim?

A pergunta surgiu de supetão, brotando na conversa entre um gole de café e o comentário de como, aos poucos, as barras das saias iam ficando centímetros a centímetros mais longe do chão, levando Lauro a engasgar com o líquido negro e quente que quase lhe saía pelo nariz. Não que a questão fosse um absurdo, mas a sua fonte sim.

Emílio não era exatamente um homem de negócios, ou um visionário típico do novo país que surgia e que acreditava que seria possível condensar cinquenta anos em cinco; ele estava mais para aquele tipo de pessoa que vai tocar o pequeno negócio da família até o fim de sua vida, deixando um pequeno patrimônio para ser dilapidado pelos filhos.

Sua vida se dividia entre a leitura do jornal durante o desjejum, o atendimento das clientes no armarinho que levava seu sobrenome e, ao final da tarde, o café, discretamente misturado com uma dose de aguardente que ele levava em uma garrafinha metálica no bolso de dentro de seu paletó, na confeitaria em frente à igreja Matriz.

– Então, lembra-se de minha tia Esther? – continuou Emílio, enquanto dava tapinhas nas costas daquele homem recém-salvo do afogamento numa pequena xícara lotada de cafeína e álcool.

– Sim, claro, mora ali na subida para a Vila Duzzi, é a costureira, que faz vestidos de noivas. Se não me engano, o vestido da minha prima Denise foi ela que fez. Quem diria? A Denise casando, toda a família achando que ela ia ficar solteirona, até que se arranjou com...

– Morreu – disse Emílio abruptamente, cortando a divagação do outro.

– Meus pêsames, sinto muito...

– Não sente, não! Ela era muito chata! – foi logo emendando Emílio antes que o clima de missa de sétimo dia se instaurasse. – A questão é que, como eu era seu único sobrinho, acabei herdando uma pequena quantia de seu pecúlio. Não é lá grande coisa, não dá nem para dar a entrada na compra de um Simca, mas, ao mesmo tempo, não queria gastar o dinheiro com besteiras esparsas, afinal de contas, quantas noivas, quantos sonhos, quantos vestidos foram necessários para juntar essa quantia?

Algumas pessoas não compreendiam qual era a argamassa que juntava aqueles dois homens, de onde vinha a empatia, como nascera aquela amizade entre o político sofisticado e o caixeiro da cidade do interior, talvez nem eles mesmos soubessem ao certo de onde brotara aquele sentimento, ou talvez fossem esses arroubos de justiça poética de que só Emílio era capaz que fascinavam Lauro.

– Veja, Emílio, o país está mudando, o dinheiro vai trocar de mãos, muito capital estrangeiro vai entrar, grandes indústrias vão se instalar por aqui. Eu sugiro que você compre algumas ações, ou que invista nos bancos. Vaticino que no futuro os bancos serão donos de tudo! – aconselhou Lauro, com o indicador em riste apontando para o céu a fim de pontuar o final da sua fala.

– Bancos, bancos, bancos... – repetiu Emílio várias vezes como se tentasse gravar a informação.

Os ponteiros giraram, as folhas dos calendários foram arrancadas, o sino da torre da igreja anunciou várias missas e aquela conversa de fim de tarde foi aos poucos sendo mandada para o arquivo morto das lembranças de Lauro, até que um dia, ao entrar em seu gabinete, ele encontrou sobre sua mesa três folhas de papel amarelas, cuidadosamente datilografadas; era a lista das empresas que compraram o direito de figurar com seus nomes nos bancos da praça que seria batizada em sua homenagem em alguns dias.

Seus olhos escorregaram com uma satisfação orgulhosa pela primeira página. Em um gesto rápido, sua mão levou a folha para trás das outras e novamente sua visão passeou em um movimento lento de cima para baixo até que um nome, bem no centro da folha, chamou sua atenção. Ele não podia acreditar no que seu amigo havia feito.

– Armarinho e aviamentos Lopes e Filhos, boa tarde!

– Alô, Emílio? É o Lauro!

– Olá, Lauro! Que prazer essa sua ligação no meio da tarde! Em que posso ajudá-lo? Sua senhora está precisando de meias de seda novas? Ou um corte de tecido? Recebemos um carregamento de anáguas maravilhosas!

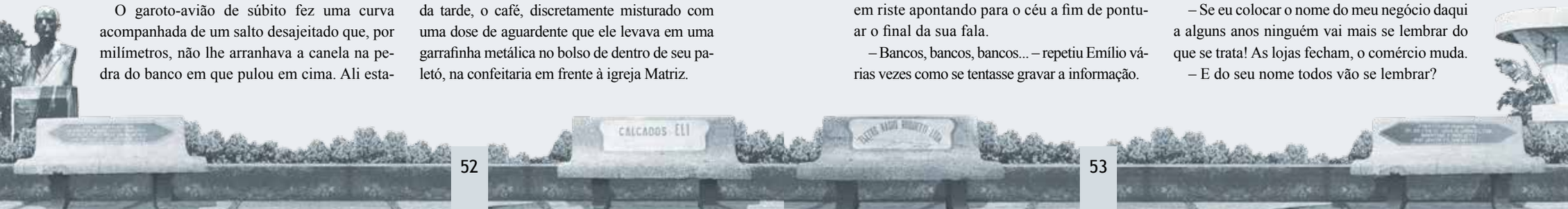
– Não, Emilio, ela não está precisando de nada, ou talvez até esteja, mas não foi por isso que liguei, foi para falar com você sobre a história do banco, acho que você não entendeu muito bem de que tipo de banco eu estava falando...

– Entendi muito bem, sim, Lauro, só não vi muita lógica em investir em uma coisa tão imponderável. Preferi optar por algo mais, digamos, sólido.

– Mas, Emílio, por que a contribuição foi feita em seu nome? Pelo menos coloque o nome do seu negócio.

– Se eu colocar o nome do meu negócio daqui a alguns anos ninguém vai mais se lembrar do que se trata! As lojas fecham, o comércio muda.

– E do seu nome todos vão se lembrar?



– Provavelmente não, mas pelo menos nossos nomes vão ficar juntos, e depois que nós nos formos alguém vai se lembrar que o tal do Emílio, cujo nome aparece incrustado no banco da praça, era amigo do Lauro. Na verdade, fiz um investimento em nossa amizade.

Do outro lado da linha Lauro emudeceu, respirou fundo e apertou os olhos, por um momento se esquecendo de que homens não choram e deixou uma lágrima riscar seu rosto. Encheu novamente os pulmões de ar, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, foi interrompido pela voz de Emílio:

– Além do quê, a tia Esther não gostava muito de você, soube até que votou no seu adversário nas últimas eleições, então, seja lá onde ela estiver no momento, deve estar morrendo de raiva do que eu fiz!

– Obrigado, Emílio – disse Lauro, com uma voz que misturava emoção e graça pela ironia do amigo.

– Disponha, Lauro. Mas tem certeza de que sua senhora não está precisando de uns metros de sianinha, alguns centímetros de passamanaria?

– Tenho certeza, sim, Emílio. Nos encontramos mais tarde para o café?

– Na mesma hora e no mesmo lugar?

– Como sempre.

– O Armarinho e aviamentos Lopes e Filhos agradece sua ligação.

Pouco tempo depois, a praça foi inaugurada, com direito a salva de tiros e benção do padre. Os dois amigos também continuaram tomando seu café de fim de tarde; a diferença é que agora o lugar de encontro era o tal do banco da praça. Os anos se passaram e um dia o coração de Lauro parou de repente, sem avisar. Contam que no enterro seu amigo não derramou uma lágrima sequer, mas que seu rosto duro, seu olhar vazio de quem tinha perdido parte de si, deixava bem claro o que estava sentindo. Emílio continuou tomando seu café de fim de tarde naquele lugar, em uma espécie de memorial à sua amizade a Lauro.

Com o tempo, a praça encolheu, as saias sumiram e foram substituídas por calças, o mundo ficou mais colorido, depois ficou sem cor novamente, os cabelos de Emílio embranqueceram, depois caíram, até que um dia aquele senhor que se sentava todo fim da tarde no mesmo banco, com um copo descartável de café comprado em um boteco próximo, simplesmente deixou de aparecer, mas o banco, este continua lá.

Maria Esther Sammarone

Elvis, eu e o Xaveco

– Destino: Praça Lauro Gomes. Cidade: São Bernardo do Campo. Opção: Desviar do trânsito.

– Siga por quinhentos metros e então mantenha à direita por dois quilômetros.

– Parece a Greta Garbo fanha. Troca.

– Siga quinhentos "Elvismetros" e então mantenha à direita por dois "Elvisquilômetros".

– Elvis? Esse GPS não tinha a voz de navegação do Mickey? Troca.

– Vai chacrete, avança por quinhentos metros. Depois, rebola à direita e mais dois quilômetros.

– Chacrinha, não! Coloca a versão do Elvis. Melhor.

– Faça o contorno no Ribeirão dos Meninos em duzentos "Elvismetros".

– Que ribeirão? Esta é a Avenida Brigadeiro Faria Lima. Faz tempo que deixou de ser um rio...

– Atenção. Área reservada ao tráfego de pescadores.

– Esse aplicativo deve estar com vírus. Prefiro fazer o retorno e entrar pela Rua Marechal Deodoro.

– *Suspicious mind*. *Suspicious mind*. Recalculando.

– Você está dizendo que estou duvidando de você? Só quero que me leve até a Praça Lauro Gomes pelo caminho mais rápido. É possível?

– Carroça lenta reportada à frente.

– Carroça? Me perdi! Não acredito! Vou colocar a voz do Chacrinha. Nunca senti tanta saudade do Mickey.

– Faça o contorno no Conjunto Anchieta.

– Agora sim! Conjunto Anchieta! Preciso comprar equipamento eletrônico aqui.

– "Plateia, vocês querem bacalhau?" Luxuoso restaurante "Terraço" reportado no Conjunto Anchieta.

– Luxuoso restaurante? Deve ser uma propaganda de mau gosto.

– "Chacrete, na televisão nada se cria, tudo se copia."

– Bordões do Chacrinha sem chance! Volta Elvis.

– Siga por trezentos e vinte "Elvismetros".

– Melhor cortar caminho pela Rua Marechal Deodoro.

– Recalculando. Faça o retorno no Cine Anchieta.

– Qual Cine Anchieta? Esse cinema não existe mais!

– Cine "Elvis" Anchieta. Retorne para a Rua Jurubatuba.

– Só falta ele dizer: a rua dos móveis.

– Jurubatuba: aprecie a rua dos móveis!

– Acho que vou ter um chilique.

– Lanchonete Ponto Chic? Recalculando.

– Esse GPS está de brincadeira comigo.

– *Suspicious mind. Suspicious mind*.

– Odeio essa versão anos 60.

– Você chegou ao seu destino.

– Ufa, cheguei. Já nem me lembro... O que vim fazer?

– Desfile Cívico na Praça Lauro Gomes. Comemoração dos cinco anos da Praça.

– Preciso me sentar. Embaixo desta árvore tem uma sombrinha. Estas inscrições... "Real", estou lembrando. "Real"... é o nome deste banco... Eu sentava nele quando era criança. Quantas lembranças! Tá aí! Vou tomar um sorvete colegial duplo na lanchonete Xaveco. Um para mim, outro para o Elvis, desde que ele fique em silêncio.

– A senhora quer ver o cardápio digital?

– De jeito nenhum, obrigada, não desejo nada cibernético. Quero um cardápio de papel, se possível bem amassadinho.

– Senhora, é uma novidade da casa a fim de facilitar o atendimento.

– Facilitar? Obrigada, mas ainda prefiro o tradicional. Sou a favor de tudo real e nada virtual. A partir de hoje, dou mais ouvidos à minha intuição do que à tecnologia.

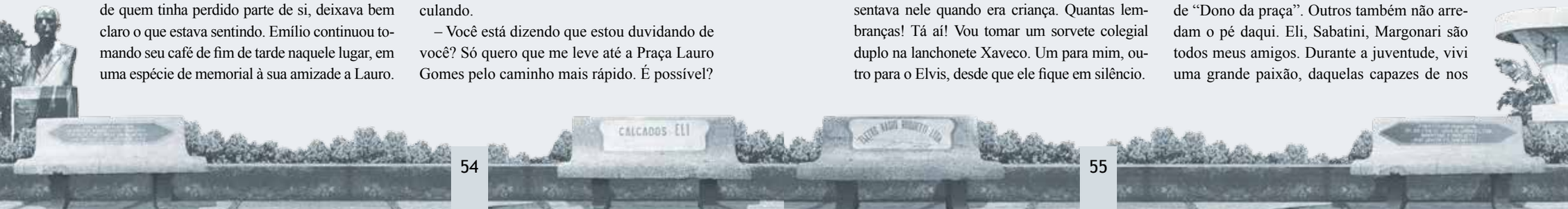
Maria Esther Sammarone

Praçaterapia

Não digo que é minha profissão principal. Mas, posso afirmar, sem traumas ou subterfúgios: foi a função mais importante que exerci na vida. O que fiz de melhor. Na época, desconhecia se havia nome para isso. As pessoas simplesmente chegavam e me contavam os seus problemas. Algumas vinham apenas para chorar. Eu escolhi uma conduta discreta: ficava em silêncio, ouvia atentamente, oferecia apoio e conforto. Sem saber, eu estava me tornando um terapeuta.

No fundo, nasci com vocação para dar suporte, apesar de muitas vezes ter sido chamado de frio ou dono de um coração feito de pedra. Mas os visitantes recorriam a mim, sozinhos, em grupos, e, especialmente, em casais. Nem sempre me trataram com respeito; já fui bastante pisoteado. Sinto-me, no entanto, "bem encaixado" numa cidade originada pelos monges beneditinos. Afinal, quem mais se dedicou tanto ao próximo do que eles? São Bernardo é minha cidade por vocação.

Observar as pessoas é meu passatempo predileto. Atendo no mesmo local desde a década de 1950. Ballotim, morador local, me intitulou de "Dono da praça". Outros também não arredam o pé daqui. Eli, Sabatini, Margonari são todos meus amigos. Durante a juventude, vivi uma grande paixão, daquelas capazes de nos



fazer ver flores em qualquer objeto. Eu a apelidei de Camila Flores por conta disso. Quantas vezes já fui à Eletro Rádio Roquetti para dedicar uma música a ela.

Costumo brincar dizendo: vejo a vida por meio da visão dos outros que aqui chegam e me contam. Comecei a atender num período de grande alvoroço. Alguns reclamavam de ansiedade, mas ainda não existia diagnóstico para a síndrome do pânico. E nem havia razão para isso. Sou do tempo em que as crianças do Grupo Escolar lanchavam ao ar livre. Por aí, você deve saber minha idade, a qual não revelo. Naquela época, as notícias chegavam por meio dos jornais esquecidos sob meu leito. Sou um saudosista convicto e não sei usar celular "escorregando o dedo". Prefiro ler no papel.

Pois bem, o motivo do alvoroço era a construção do maior Parque Automobilístico do país. Antes, eu conhecia cada visitante pelo nome. Em pouco tempo, minha praça de atendimento ficou tão movimentada que eu já não reconhecia quase ninguém. Alzheimer, autodiagnostiquei. No entanto, eram os índices de crescimento populacional mesmo. Fechava os olhos e quando abria: um comércio novo piscava por ali. "Adeus, pequena fazendinha", eu pensava.

Os frequentadores passaram a falar menos. Vivíamos em meados dos anos 1960. Estavam caretas. Ou com medo? Lauro Gomes, o prefeito das crianças, se foi neste período. Recorri aos jornais e encontrei *slogans* eufóricos, como: "Brasil, ame-o ou deixe-o" e "Ninguém segura este país". As notícias eram boas e nenhuma explicava a angústia das narrativas que eu ouvia. Além disso, os jornais estavam lotados por receitas de bolos. Seria uma nova fase do jornalismo? Senti-me só e viciei nas músicas dos Tropicalistas para aliviar meu sofrimento. Anos depois, estudantes me contaram sobre a censura e esclareceram aquele silêncio.

Gostava de observar as crianças brincarem no parque onde há um trepa-trepa arredondado como um disco voador. Guardo segredos dos outros. Porém, agora vou revelar um segredo meu. Tenho imaginação fértil e mania de criar fábulas. Faço isso o tempo inteiro.

Adoro passeatas porque crio enredos a partir delas. Imaginei, não nego, que as "Diretas Já" eram comemorações da descoberta de moradores na Lua. Fiquei muito contente com a conquista de Armstrong, ao pisar o território lunar. Desejei, no meu íntimo, ser levado para lá e poder atender alguns lunáticos. Minha praça seria uma cratera. No começo dos anos 1990, a história teve continuação. Imaginei que as passeatas dos caras-pintadas eram a chegada dos moradores da Lua à Terra. As faces coloridas representavam uma nova espécie. Já me diverti tanto por aqui!

Hoje, a realidade à minha volta não traz muita inspiração. São raros os acontecimentos interessantes. Gosto de confissões emocionadas, já que inúmeros namoricos presenciei. Agora, parece que só falam de comércio neste lugar. Alguns dizem que ainda tenho meu lugar ao Sol. No entanto, um banco de praça, como eu, vive das histórias as quais ouve e alimenta. Fui terapeuta de tantos, da infância até não reconhecer mais seus rostos na multidão. Sentaram, dormiram, derrubaram sorvete em meu leito. Eu continuava sereno, generoso e disposto a servir. Agora, só me resta ser uma espécie de relíquia num baú de memórias morrendo lentamente. Afinal, não há banco que sirva à solidão, nem praça que sobreviva à falta de poesia.

Noely Rubio

Lara

Lara! Esse nome me faz lembrar uma pessoa. Que interessante, sinto como se fosse hoje! Ao sentar-me neste banco desta mesma praça onde a conheci vejo esta propaganda, quase apagada.

"Lara, Pedra e Areia". Poderia ser ela? A mesma Lara que eu conheci há tantos anos? Quase quarenta anos já se passaram, mas agora tudo voltou tão nítido em minha memória... Consigo até sentir o perfume que ela exalava. Sempre ouvi dizer que a memória olfativa é uma das que mais nos dá prazer, e agora posso imaginar que isso realmente seja verdade. Apenas li esse nome num simples banco de praça e todas as sensações que tive ao lado daquela menina incrível se tornaram tão presentes de repente!

Eu acabara de completar 15 anos; ela tinha apenas 14. Eu, com meu jeito todo estabanado de ser, passava correndo a caminho da biblioteca, para fazer meus trabalhos de pesquisa escolar, pois era só assim que eu sabia fazer, sempre correndo, como se o mundo fosse acabar dali a cinco minutos. Então, tropeço na pontinha dos seus pés e lá se vai toda minha pressa!!! Estatelei-me ao chão e Lara, que estava sentada naquele banco, começou a rir e se levantou para me ajudar a recolher todos os meus cadernos que tinham se espalhado pela praça! Ao ver seu sorriso esqueci-me até do meu joelho que estava cheio de sangue, da ralada que eu havia levado! Naquele momento começou nossa amizade.

Lara estudava na mesma escola que eu, a EEPG Maria Iracema Munhoz! A escola ainda está lá. A praça, que se chama Lauro Gomes, fica bem em frente a ela.

Estranho que eu nunca a tivesse visto! Com aquele sorriso cativante, os cabelos castanhos, sempre bem penteados, o uniforme da escola sempre impecável, camisa branca com o emblema no bolso, saia cinza pregueada e meias brancas com tênis branco.

Nesse dia, a convidei para ir comigo até a biblioteca, que ficava ali pertinho, mas ela não pôde porque estava esperando sua mãe ir buscá-la. Conversei um pouco com ela ali mesmo, o suficiente para ter as informações de que precisava: ela era da oitava série A! Isso para mim foi ótimo, pois eu era da oitava C. Como eu havia reprovado um ano, por motivos de saúde, agora poderia vê-la todos os dias! Fiquei até feliz por ter sido reprovado! A partir desse momento, ia todos os dias encontrá-la na porta da classe dela. Gostava muito de conversar com ela e de simplesmente ficar admirando aquele sorriso.

Era o último ano do primeiro grau (era assim que chamávamos o ensino fundamental naquela época!) e teríamos que prestar um "vestibulinho" para ingressar na escola de segundo grau (hoje, ensino médio). Havia duas escolas mais concorridas, nas quais todos queriam estudar, a EESG João Ramalho (leia-se Escola Estadual de Segundo Grau João Ramalho) e a EESG Wallace Cockrane Simonsen.

Ao longo do último ano, ficávamos juntos durante todo o intervalo (recreio, para alguns). Eu aguardava ansioso o sinal tocar, o qual soava exatamente no mesmo horário todos os dias.

Nossa amizade foi crescendo e víamos que tínhamos muitos gostos em comum. Naqueles dias, não fazia sentido para mim o jeito que a mãe dela me olhava quando estávamos juntos na saída da escola. Infelizmente, nossa situação financeira era um pouco diferente e agora entendo bem o motivo de os pais dela não gostarem muito da nossa amizade. O pai dela era engenheiro civil formado na USP, e o meu era um simples funcionário da Volkswagem do Brasil.

Achava estranho ela nunca ter de ir à Biblioteca Municipal fazer seus trabalhos, e um dia lhe perguntei o motivo. Ela tinha a *Barsa Universal*! Pasmem, era uma enciclopédia muito cara, que só as pessoas de uma posição social muito elevada conseguiam comprar!!! Que ingenuidade a minha!!! Era muito bom não ter noção da existência de preconceitos!

Eu era tão feliz! Foi uma época muito boa. Agora aqui, sentado neste banco, eu entendo que os pais dela queriam o melhor para a filha.

Ao encerrarmos aquele ano, eu entrei no João Ramalho e Lara entrou no Wallace, pois era a escola mais próxima da casa dela. Ela morava em um bairro nobre de São Bernardo, o bairro Jardim do Mar. Eu morava na periferia, no Jardim Ipê. Aos sábados, nos encontrávamos na

praça, pois montavam umas banquinhas de produtos artesanais: pulseiras, brincos, anéis e correntes, tapetinhos de crochê etc... Chamávamos de feira *hippie*. Sentávamos neste mesmo banco e tomávamos sorvete vendo as pessoas passarem; era o nosso passeio de final de semana!

Quando os pais dela descobriram que nos encontrávamos, eles a proibiram de ir à praça e não nos vimos mais a partir desse dia. Fiquei sabendo por alguns amigos que ela havia partido para a França para prosseguir com seus estudos, já que isso era muito comum na classe mais alta.

Já estava me levantando do banco quando vejo um belo sorriso vindo em minha direção. "Oi, Marcelo, tudo bem?", eu ouvi, quase sem acreditar. Era a Lara, indo trabalhar. Ela me contou que se formara em Letras e gostava muito de lecionar. Agora, estava na direção da nossa escola, o Iracema, como costumávamos chamar, pois a diretora teve de ser afastada por tempo indeterminado e ainda não havia retornado. Fez um breve relato de sua vida, de como seus pais a tinham mandado para a França, de seu casamento e que tinha dois filhos maravilhosos.

Por curiosidade, perguntei sobre a propaganda no banco, se tinha alguma coisa a ver com ela, ao que me respondeu que sim, que era o comércio do pai dela, engenheiro, que havia resolvido investir nesse ramo, pois não estava se dando muito bem na profissão.

Como havia naquela época muitas pedreiras sendo exploradas em nossa cidade, e uma delas ficava próximo ao já extinto Clube da Volks, buscávamos quase todas as semanas galões de água mineral nessa pedreira. O pai de Lara tinha muito conhecimento do ramo de construção, de modo que ficou sendo fácil para ele fazer dessas pedras e areia um ótimo negócio, abandonando, por fim, a engenharia. Dera o nome da filha ao comércio, pois foi na mesma época em que Lara estava estudando em Paris e ele sentia muitas saudades!

Lara me convidou para visitar a escola e aceitei, tive boas recordações! Infelizmente a escola não está muito bem conservada, assim como os bancos da praça, que estão quase todos em ruínas, o que me entristece um pouco. Lara me contou do seu esforço para administrar a escola com muita dificuldade e do projeto de revitalização da praça, que foi invadida por muitos camelôs e bancas de vários gêneros, mas que não sai do papel por causa do excesso de burocracia.

Nos despedimos e fui embora muito feliz por ter reencontrado uma amiga tão querida! Com a promessa de reunirmos as duas famílias, lógico.

Pude perceber uma coisa: Lara ainda usava o mesmo perfume daqueles dias!!!

Ricardo Barros

Convite para um café

Sua história, minha vida!
Minha vida tem sua história.
Quantas estações vividas
Estão em sua memória.

Solitário, estático e frio.
Banco de muitas lembranças
Passava horas a fio,
Observando o senhor, a senhora e as crianças.

O contrário do que pensas
Era mudo, mas não calado.
Comunicava junto a ti
Um pedido de um amigo ao lado:

– Dê um pulo logo ali,
Não se acanhe nem fique avexado!
Vá à Padaria Icaraí,
Tome um café no coador passado.

Muitos seguiram o conselho;
Outros o ignoraram.
Mas todos mantinham o respeito
Pelo banco que estavam sentados.

E assim então vieram
A primavera e também o verão.
O outono e em seguida o inverno
E de novo a próxima estação.

Segui com meus passos
Sempre passando por lá.
Sentando quando vinha o cansaço,
Saindo para um café ir tomar.

E na Praça Lauro Gomes,
O querido banco Icaraí
Quieto ainda lá permanece,
E as lembranças só me fazem sorrir.

Hoje me curvo à sua graça,
Quantas histórias, ah, se pudesse falar!
Aquele solitário banco da praça
Que hoje venho homenagear.

Roberto João Julião Júnior

Os bancos da Praça Lauro Gomes

Fui motivado por uma propaganda da prefeitura de São Bernardo do Campo, que, em sua página oficial, trazia o seguinte título: "São Bernardo conta história dos bancos da Praça Lauro Gomes", onde haveria a oficina literária "Histórias dos Bancos da Praça", um projeto desenvolvido pelo escritor Manuel Filho e que retrata a história do surgimento dos bancos na Praça Lauro Gomes.

Nada mais propício que participar da memória de São Bernardo, pois já tive algumas experiências profissionais que me fizeram aumentar o interesse pelo tema e também contar com a participação desse escritor nesta criação literária, que é muito gratificante.

A Praça Lauro Gomes foi inaugurada no dia 20 de agosto de 1954, porém, em minhas pesquisas, consegui descobrir que no dia 30 de julho de 1954, na Lei Municipal nº 305, ela era denominada praça "Lauro Gomes", a praça em frente ao novo Grupo Escolar do município, oficializando por lei o nome da Praça Lauro Gomes. Antigamente, era comum a inauguração ocorrer em datas diferentes da lei.

Uma das pesquisas me levou à Lei Municipal nº 160 de 17 de Junho de 1952, na qual o município "Autoriza o Executivo Municipal a abrir concorrência pública para a confecção de bancos de granito para a Praça da Matriz". No seu "art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a abrir concorrência pública para a confecção e instalação de bancos de granito que deverão ser colocados na Praça da Matriz, e outras praças públicas que o Executivo achar conveniente. Nela os bancos deverão conter, nas suas faces dos respectivos encostos, espaço para inserção de propaganda".

O Departamento de Obras da Prefeitura foi autorizado a administrar todo o processo de caracterização do banco e a abertura de inscrição de pessoas interessadas em adquirir os bancos e doá-los à municipalidade, assegurando-lhes o direito de neles ter a respectiva propaganda.

Um dos bancos pesquisados era o da Indústria de Móveis e Colchões Liberty, com endereço à Rua São Lázaro, 204, SP, onde encontrei apenas registro de um processo em que os industriários moviam ação contra a fábrica, penhorando seus equipamentos, no período de 1962 a 1964.

A empresa Carraço Ofertas de Carrocerias tem sua história contada no site Lexicar Brasil, com o nome de Indústria Carraço S.A., e foi fundada na cidade de São Paulo no início da década de 1950 e mais tarde transferida para novas instalações em São Bernardo do Campo, onde funcionou até seu encerramento, mais de 25 anos depois. Foi um dos maiores fabricantes brasileiros de capotas de aço para utilitários, começando a produzi-las para os Jeep Willys importados.

Em 1961, houve o primeiro concurso Rainha das Indústrias de São Bernardo, o qual contou com 18 candidatas, entre elas Gloria Maria de Oliveira, representando a Indústria

Carraço S.A. Foram pelo menos três concursos, em 1961, 1962 e 1963, todos de caráter beneficente, organizados pelas senhoras rotarianas de São Bernardo.

Em uma das matérias da revista *Veja*, "Problemas nas garagens é menor quando o lugar se multiplica", se você tem dois automóveis e uma garagem onde se cabe um carro o problema está resolvido: basta guardar um carro em cima do outro. Aqui no Brasil a garagem era explorada pela Indústria Carraço de São Paulo com garagens-beliche propostas tanto para residências como para garagens de edifícios.

A Praça Lauro Gomes foi palco de shows-comícios no dia 10 de novembro de 1986, tendo recebido Antônio Ermírio de Moraes e Roberto Carlos. Contou ainda com a presença de Sérgio Reis, conforme notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 9 de novembro de 1986. O cantor Roberto Carlos apoiou a candidatura de Antônio Ermírio de Moraes a governador do estado de São Paulo, chegando a acompanhar o empresário em alguns comícios. A eleição, porém, foi vencida por Orestes Quércia. Segundo matéria no jornal *Folha de S.Paulo* de 8 de novembro de 1986, Roberto Carlos participou de uma maratona de comícios à candidatura de Antônio Ermírio, tendo participado de 12 comícios, sendo quatro deles realizados no ABC Paulista (Grande São Paulo) no dia 10 de novembro de 1986.

Fontes:

Lei Municipal nº 160 de 17 de Junho de 1952

Lei Municipal nº 305 de 30 de Julho de 1954

<http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/pqt_container_r01.asp?srcpg=noticia_completa&ref=12040&qt1=0>

<http://www.abcdpedia.com.br/wiki/index.php?title=Ra%C3%ADnha_das_Ind%C3%BAstrias_-_S%C3%A3o_Bernardo_do_Campo>

<http://veja.abril.com.br/numero1/p_082a.html>

<http://www.lexicarbrasil.com.br/carraco/>

Página 49 do jornal O Estado de S. Paulo de 9 de novembro de 1986

Página 7 do Primeiro Caderno do jornal Folha de S. Paulo de 8 de novembro de 1986

Roberto Carlos e a Política

<http://www.robertocarlosbraga.com.br/2010_08_01_archive.html>

Rogério Campos

O beijo

– Bom dia, Mário. Como foi ontem, o encontro com a Ana?

– Não muito bom, Toni. Na verdade, ela me mandou plantar batatas.

– Ora, mas não é exatamente o que mais você tem feito na vida? Plantar batatas e uma série de outras raízes e legumes?

– É. Tenho trabalhado na roça e plantado muita coisa mesmo. Só não consegui plantar um pouco de entendimento nessa sua cabeça. Ela me mandou embora, entendeu? Disse que somos muito diferentes, que eu não tenho classe e que ela não conseguia enxergar futuro no nosso romance. Começou a implicar com meu chapéu de palha, com minhas botas e minha calça rancheira.

– Ora, mas se era pra plantar batatas, não poderia existir vestimenta melhor.

– Engraçadinho. Acontece que a Ana é filha de um industrial do ramo metalúrgico. Já me ofereceu até emprego na empresa do pai. Está acostumada a se relacionar com pessoas da cidade, muito elegantes.

– Bom, elegância não é mesmo seu forte. Com essa sua cabeleira, então. Parece mais um urso.

– Ah, é? Também não me parece que você possa dar muito conselho em termos de estilo. Parece um selvagem.

– Pois é exatamente isso. Meu estilo é o estilo selvagem, à moda de Marlon Brando e James Dean, os rebeldes sem causa.

– Se eles não tinham causa para se rebelar, vão ter a partir de agora, quando souberem que você se considera um discípulo deles. Vai me ajudar ou não?

– Sim. Conheço um lugar, no centro de São Bernardo, especialista em moda masculina, que pode te orientar sobre os sapatos Oxford, os tênis Converse, os suéteres e o gumex para cabelo, que os elegantes usam atualmente.

– Toni, será que dá pra você falar em português? Não entendi nada.

– É, meu caro, os americanos ganharam a guerra. Agora mandam no mundo. Afinal, você quer ou não melhorar seu estilo para ir às comemorações de inauguração da Praça Lauro Gomes?

Mário aceitou a sugestão e marcou um encontro com Ana durante a estreia.

Compareceu todo enfarpelado – terno, chapéu social e sapato de couro. Prova de amor. Só a cabeleira mestiça permaneceu indomada, que não haveria gumex no mundo que pudesse dar jeito.

Sentados no banco da praça, Ana se demorou ainda por longos minutos olhando para o novo Mário antes de selarem um renovado e apaixonado beijo.

No espaldar do banco, a inscrição: "A Modelar Alfaiataria e Artigos Finos para Cavalheiros".

A loja patrocinou o banco da praça. E, como vimos, patrocinou o beijo também.

Stella Maris Veloso Alves

Amor, eterno amor!

Ah! Que saudade que me dá os tempos de outrora!

Em que te conheci nos bancos desta praça.

Aqui, à sombra desses arvoredos me encantei com seu olhar. Foi amor à primeira vista.

Seu sorriso era como os raios do Sol, como um toque de mágica, que irradiava e iluminava todo meu ser.

Aqui, trocamos juras de amor, sonhamos os mais belos sonhos e traçamos metas para realizá-los.

Você sussurrava ao meu ouvido, e sua voz transformava-se em eternas melodias, embaladas aos seus doces carinhos. Aqui, você me prometeu fazer feliz, e que me faria sorrir todos os dias. E se por acaso uma lágrima surgisse em meu rosto, ela seria de alegria.

Tristeza, infelicidade e desavença não existiam em nosso vocabulário.

Aqui, nos encantávamos com a fonte luminosa.

Brincávamos livremente como adolescentes apaixonados, e esquecíamos do tempo.

Sentávamos no banco Real com a coroa gravada, símbolo do império, e você era meu rei e eu, sua rainha.

Para nós, a Praça Laura Gomes não foi apenas uma área de lazer, foi muito mais do que um ponto de encontro; ela tornou-se algo familiar, cúmplice de um romance e amor eternos.

Nos bancos desta praça comemos pipoca, tomamos sorvete, comemos algodão-doce. Ah! Quantas delícias degustamos!

Aqui, fizemos nossa despedida de solteiro, trouxemos nossos filhos, os netos e bisnetos.

O que foi tão importante para nós, agora se encontra abandonada ao descaso e desgastada pelo tempo.

Hoje, me vejo só, porque você partiu e me deixou, levado pelo acaso ou pela vontade divina. Então, me embalo na nostalgia da saudade de nossas lembranças vividas desse amor eterno.

Ah! Que saudade que me dá os tempos de outrora!

Vitor Ribeiro Gallo

Praça Lauro Gomes

A Praça Lauro Gomes tem feito parte da história de quatro gerações da minha família.

Quero aproveitar esta oportunidade que me foi concedida pelo escritor Manuel Filho e fazer um relato para que fique registrado

nas páginas deste livro um registro de cada uma delas.

A minha bisavó Maria Ribeiro de Jesus teve a oportunidade de conhecer e estreitar o relacionamento com meu bisavô Zé Ribeiro, o qual tirava sua dentadura para namorar e degustar as delícias que eram comercializadas nesta linda praça, ponto de encontro e de lazer das famílias de São Bernardo do Campo, que se encantavam com a fonte luminosa.

Minha bisavó retirava a prótese para namorar e esquecia de colocá-la ao retornar para sua residência, kkkkkkkkk

Meu avô, Zé Anastácio, aos 14 anos exerceu a função de engraxate. Da mesma forma, ele pôde conhecer melhor minha avó.

Minha avó, Maria Lêda, e meu avo Zé Anastácio, levavam minha mãe, Sônia Ribeiro, minha tia, Silvana Ribeiro, e meu tio, Sérgio Luiz Pereira, para passear quando iam às compras na Rua Marechal Deodoro. Lá, tinham a oportunidade de se divertir no parque gratuito e correr livremente em suas áreas limpas e protegidas pelos guardas municipais. Também se deliciavam com pipocas, algodão-doce, picolé, sorvete etc., onde tinha atrações para serem fotografadas em pequenos pôneis.

Minha mãe trabalhou dezessete anos no comércio. Nas horas do almoço e café ia com as colegas de trabalho à praça e relatava o que vivenciara em sua terna infância. Foram momentos memoráveis os vividos na Praça Lauro Gomes. Tempos que não voltam mais, mas que ficaram para sempre registrados em sua memória.

Hoje, eu, Vitor Ribeiro Gallo, aos 10 anos de idade, quero descrever a realidade atual da Praça Lauro Gomes.

É lamentável não ter vivido e usufruído o que meus bisavós, avós, minha mãe e tios vivenciaram em sua época. Porque, infelizmente, a bela praça dos velhos tempos já não é mais a mesma.

Encontra-se hoje degradada, abandonada e invadida pelo comércio de ambulantes, vendas ilegais de mercadorias inadequadas às crianças e famílias de bem.

Parte das diversões de hoje são pagas e já não mais existe espaços para caminhar livremente; assim como para sentar com as famílias nos bancos da praça, à sombra de suas árvores como nos tempos de outrora.

É lamentável ver bancos quebrados, jogados ao descaso e à falta de respeito e consideração para com as famílias que orgulhosamente os doaram.

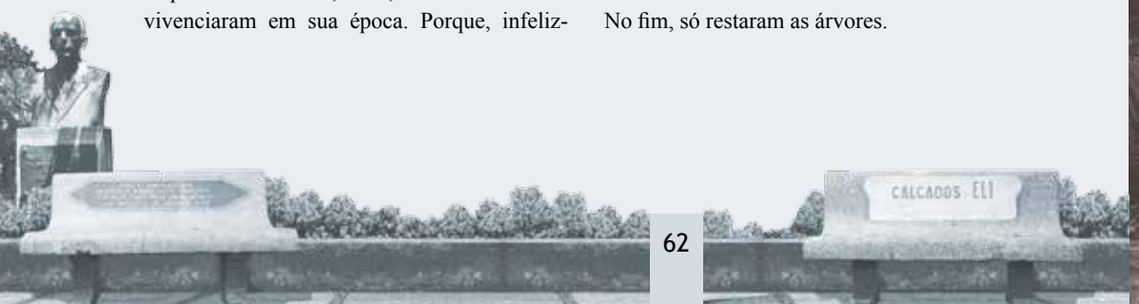
A Praça Lauro Gomes deixou de ser um ambiente totalmente familiar, que meus bisavôs, avós, minha mãe e tios sempre falaram tanto...

Hoje, se uma jovem de família se sentar nos bancos da Praça Lauro Gomes para descansar às sombras de suas belas árvores, ela corre o risco de erroneamente ser confundida com uma garota de programa.

Gostaria humildemente de solicitar às autoridades responsáveis que, ao lerem este relato, possam ponderar, analisar e tenham a coragem de mudar a realidade deste importante ponto turístico, hoje tão abandonado, mas que já trouxe tantas alegrias para muitas famílias de nossa linda cidade.

Solicito encarecidamente a reforma desta praça que foi tomada de forma vergonhosa e que ela seja devolvida à população como uma área de lazer como sempre foi, e que eu ainda tenha em minha terna infância a oportunidade de aproveitar, de brincar livremente e sentar nos bancos desta praça, encantado com a fonte luminosa.

Esta é uma história real de um banco real. No fim, só restaram as árvores.



Bibliografia

Livros

São Bernardo do Campo – 200 anos depois – Ademir Medici

Antecedentes Históricos do ABC Paulista – 1550-1892 – Wanderley dos Santos

Vila de São Bernardo – Attílio Pessotti

Álbum de São Bernardo – João Netto Caldeira

Palestra de São Bernardo – Meio Século – 1935-1985 – Ademir Medici.

Entre o Chicote e o Charuto – Otto João Gustavo Bethke

Jornais

A Hora

A Vanguarda

O Imparcial

Diário do Grande ABC

Folha do Povo, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul

Folha de São Bernardo

Folha do ABC

Folha de São Paulo

Sites

Acesso em: julho 2014 – fevereiro 2015

Junta Comercial do Estado de São Paulo – Https://www.Jucesponline.Sp.Gov.Br/.

Memória e Acervo On-Line – São Bernardo do Campo – Http://www.Memoriaeacervo-Online.Saobernardo.Sp.Gov.Br/Pages/Home.Php.

Documentação São Bernardo do Campo – Http://Www.Legislacao.Saobernardo.Sp.Gov.Br/Iteld_Lmd_Pesquisa_Documento_Inicial.Aspx.

Carrocerias Carraço – Lexicar – Http://www.Lexicarbrasil.Com.Br/Carraco/.

Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo – Http://www.Saobernardo.Sp.Gov.Br/.

Locais

Praça Lauro Gomes

Seção de Pesquisa e Documentação (Memória), Alameda Glória, 197

Seção de Patrimônio, Rua João Pessoa, 236

Biblioteca Monteiro Lobato, Rua Jurubatuba, 1415

Site dos Bancos da Praça

http://manuelfilho.wix.com/bancosdapraca

Agradecimentos

Senhor Secretário de Cultura Osvaldo de Oliveira Neto
Mirca Bonano
Ademir Medici

Meu carinho especial aos amigos a seguir: Angela Eliana Couto de Castro, Antônio Carlos (AC), Eliana Messias da Silva, Fábio Sgroi, Jorge Magyar, Marlei A. Mendes de Souza, Regina Célia de Oliveira Cezário e Valdeci Ramos dos Santos.

Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo: Dalva Franceschetti, Débora Mendes de Moraes, Durvalina Soares Silva, Marcos Lucena.

Seção de Pesquisa e Documentação (Memória): Camila Rodrigues dos Santos, Clarice Santos M. Oliveira, Cleusa Maria Moreno, Dulce do Nascimento Silva, Francileide Ferreira de Lima, Gilberto Arruda, Jorge H. Scopel Jacobine, José Roberto da Silva, Laércio Costa Nunes, Maria Angélica dos S Oliveira, Maria Valéria dos C. Rodrigues, Rodolfo S. Jacobine, Rodrigo Soares Peres, Suzana da Silva Alves, Valéria Napier Escudeiro.

Biblioteca Municipal Monteiro Lobato: Carlos de Almeida Silva, Cristiane Aparecida Rufino, José Aldemir Batista de Souza, Júlia Hengler, Luís Carlos Bertoldo, Laura Facchinelli, Robson Rodrigues Gomes,Marlene Soares Gomes, Rosilene Maria de Lima.

Entrevistados: Alice Rodrigues, Cyro Cassetari, Eliana Cisi, Eneas de Azevedo Marques, Henrique Pinchiari, Inês Vergueiro, Maria de Lourdes de Azevedo Marques, Myrna Sparvoli Bonagamba, Osmar Demarchi, Osmar Margonari, Rita Zincaglia (entrevistada por Maria Esther Sammarone), Waldir Cartola.

Seção de Patrimônio: Eliana Cisi, Neusa Borges.

Participantes da oficina: Carla Rubio, Inês Vergueiro, Jayme Benarrós, Luiza Benarrós, Marcelo Catelan, Maria Esther Sammarone, Noely Rubio, Ricardo Barros, Roberto João Julião Júnior, Rogério Campos, Stella Maris Veloso Alves, Vitor Ribeiro Gallo.

Adriano da Silva Carvalho, Alessandra Souza, Darcy Bonagamba, Divanir Bellinghausen, Danilo Marques, Diaulas Ulysses, Douglas Margonari, Erika Alonso, Erika Gonçalves Herzogenrath, Fábio Silva Gomes, Fernanda Bonagamba, Fernando Narasaki, Neyde Rubio Sarpe, Rosileine Aparecida Fernandes, Simone de Azevedo Marques Goncalves Leite, Susana Gomes Carvalho Amado e todos os muitos amigos que torceram, opinaram e comentaram pela internet.

Praça Lauro Gomes, 1966

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC

Praça Lauro Gomes. Registro mais antigo de banco de granito, com a inscrição da Fábrica de Móveis Irmãos Corazza. Sentadas, da esquerda para a direita, Maria de Lourdes e Cecília Pasin. Em pé, da esquerda para a direita, Shirley Ventura, Nelci Nascimento e Haydée. Todas alunas do Colégio João Ramalho, junho de 1954

Foto: Acervo da Seção de Pesquisa e Documentação da PMSBC / Divanir Bellinghausen

Coordenação geral: *Manuel Filho*
Capa e projeto gráfico: *Fábio Sgroi*
Editoração: *Verbo e Arte Comunicação*
Fotos: *Fernando Narasaki*
Preparação e revisão de texto: *Erika Alonso*
Impressão: *FormaCerta*

Manuel Filho, 1968-
M251h Histórias dos bancos da praça / Manuel Filho; Projeto gráfico: Fábio Sgroi. – 1. ed. – São Paulo: Ed. do Autor, 2015.
64 p.: il., fots ; 23 cm. Inclui Bibliografia

ISBN: 978-85-918974-0-7

1. São Bernardo do Campo – História 2. Praça Lauro Gomes – Bancos 3. Memória 4. Depoimentos 5. Patrimônio histórico. I.Título II. Sgroi, Fábio

CDD – 981.612

Ficha catalográfica elaborada por Valdeci Ramos dos Santos - CRB-8/5377

Este livro foi impresso no outono de 2015, em papel Couché Fosco 90 gr. Fontes: Trebuchet MS e Times New Roman